

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Considero aberta a 41ª (sic) reunião do Conselho Curador. Agradeço a presença de todos os conselheiros e conselheiras, Diretores, Diretor-presidente, Diretor-Executivo. Desculpa, eu sempre me engano com relação ao seu cargo.

SR. EDUARDO CASTRO: Vai ser corrigido.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Não, como não? Por favor, deve. É Diretor-Executivo, não é?

SR. EDUARDO CASTRO: Geral.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Diretor-geral. Então é Diretor-geral Eduardo Castro. Lembro que a reunião está sendo transmitida pela internet, no endereço www.conselhocurador.ebc.com.br/transmissaoavivo. Sem o til.

Boa tarde aos internautas. Bem-vindos. Passamos imediatamente à questão da ata. conselheiro Paulo.

SR. PAULO RAMOS DERENGOVSKI: Boa tarde para todos. Saudamos a todos os presentes. Eu vou ser rápido aqui na abertura. Eu quero parabenizar quem fez a ata, porque eu já havia falado nisso. Esta ata está muito bem redigida, clara, objetiva, curta, direta, como deve ser para facilitar a leitura, transcrevendo a opinião dos conselheiros e deixando de lado as importantes palestras acadêmicas que aqui foram feitas.

E aproveito a oportunidade para que, na 42ª reunião, que não estava previsto aqui... Que eu quero fazer um elogio ao departamento de jornalismo, na pessoa da Nereide, pela extraordinária cobertura que a TV Brasil deu à tragédia, da terrível tragédia daquele episódio lá de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que foi a primeira emissora de televisão, uma das primeiras a chegar lá.

Obrigado.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu me associo aos parabéns à Nereide, porque eu estava, infelizmente, em Porto Alegre, no dia da tragédia, e realmente foi uma comoção, assim, incrível, no país inteiro, mas especialmente entre os gaúchos, claro. Parabéns, Nereide, eu acompanhei e parabéns mesmo.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [0:02:15]: A Nereide é boa mesmo de serviço.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: É, de vez em quando ela acerta.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [0:02:19]: É, ela acerta.

[risos]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Bem, mas eu acho que é isso que a gente tem que procurar fazer, evidentemente, claro. É jornalismo, não é, Nereide? Então, parabéns.

Com relação à ata, então podemos considerá-la aprovada? Aprovada, então, a ata da 40ª Reunião do Conselho Curador.

Passamos, em seguida, aos informes.

O Item primeiro dos informes diz respeito ao lançamento do livro da Universidade Federal do Ceará sobre a pesquisa comentada pelo Conselho Curador, "Qualidade na Programação Infantil da TV Brasil". O livro é de autoria das professoras Inês Vitorino Sampaio e Andréa Cavalcante. Os conselheiros irão receber agora uma cópia de cada um. Foi um processo longo, por burocracia e coisas do gênero, mas, finalmente, eu acho que o resultado é... É valioso, e até aproveito para informar que eu estava conversando com a nossa vice-presidente, e combinamos que ela, a partir de agora, tomará conta ou fará um grupo de trabalho para acompanhar esse processo todo de pesquisas, que serão encomendadas pelo Conselho Curador a partir do dia 15. Vamos propor parâmetros, procedimentos, etc.. E eu pedi que a Heloísa se encarregue disso. Pensei no senhor, professor Daniel.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu sei que o senhor vai se ausentar.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [0:03:53]: Mentira sua, Daniel. Você tenha vergonha.

[risos]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu pensei nessa dupla que seria imbatível, mas eu sei que o senhor vai se ausentar do país, então... Mas é temporário, na volta do senhor.

SR. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: Não, mas nada impede que o Daniel faça comigo e que a gente se comunique por e-mail, tá? Então pode ficar tranquila que ele vai participar.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Tá bom. Fico tranquilíssima, então.

Acho, inclusive, que a gente pode pedir que os conselheiros encaminhem propostas de temas, claro, relacionadas ao nosso trabalho aqui, em relação à EBC, TV, rádio. Encaminhem aos coordenadores desse processo para a gente poder depois discutir e aprová-los, os próximos temas. Isso pode ser feito por e-mail, não é, Heloísa?

SR. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: Hum-hum.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: E aos poucos a gente vai montando um projeto todo, não é?

Bom, então todos receberam? Estão recebendo. Acho que fica um trabalho muito interessante e podemos... A minha vontade é que a gente faça uma série de publicações nesse sentido.

SRA. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: Seria legal.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Não é?

SRA. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: É bem legal.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Podemos até depois discutir um nome para esta série.

SRA. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: Vamos, vamos.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu acho que é uma contribuição do Conselho com a EBC inclusive, com a sociedade para poder avaliar e acompanhar, não é, a TV Brasil e a EBC como um todo.

SR. PAULO RAMOS DERENGOVSKI: [0:05:21]: Presidenta, presidenta...

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Pois não, pois não.

SR. PAULO RAMOS DERENGOVSKI: [0:05:22]: Só para informação aos conselheiros. Essa editora insular é uma editora catarinense, viu?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Depois, gaúcho que é bairrista, não é conselheiro Paulo? Ou pernambucano.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [0:05:35]: Ótima ideia de fazer uma série, hein?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Vamos fazer uma série.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [0:05:37]: Vamos, vamos fazer sim.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: O segundo item dos nossos informes, conforme nós deliberamos na reunião passada, estamos em diálogo por meio da conselheira Heloísa também, com a Comissão Nacional da Verdade, a fim de organizamos uma audiência conjunta com ênfase na questão dos Direitos Humanos. Eu gostaria que a conselheira Heloísa então tomasse a palavra para nos informar o andamento desse diálogo, que eu acho de extrema relevância para nós.

SRA. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: Tá, obrigada. O novo coordenador da Comissão da Verdade vai ser o professor Paulo Sérgio Pinheiro, que, inclusive, já foi nosso conselheiro aqui, não é? Então, eu conversei com ele, ele ficou muito satisfeito com a proposta, pediu então

que nós... Que o Conselho Curador entrasse formalmente em contato com ele, a partir do dia 15 para, para que a gente pudesse agendar essa audiência e a maneira como a gente deve fazer. Então, basta agora nós entrarmos em contato formalmente com ele para que possa ser marcado, tá bom.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Bom, então eu vou pedir à Secretaria do Conselho que faça esse contato e que organize esse diálogo e a marcação da audiência conjunta.

SRA. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: É, e aí qualquer problema, Antonio, me avisa, tá?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [0:07:09]: Ana, permita só uma informação? Relacionada com a questão de Direitos Humanos, ontem nós tivemos aqui com o Gilney Viana, que é o assessor especial aí na questão da Comissão da Verdade, na Secretaria de Direitos Humanos. Ele se coloca à disposição aí na TV Brasil para fazer... Tem muito material relacionado com a questão dos camponeses, a questão dos indígenas. Está à disposição para a TV Brasil, da EBC, para informar, passar o material informativo. Se colocou muito à disposição, não é?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada, conselheiro. Mais alguma manifestação sobre essa questão da nossa parceria, entre aspas, com a Comissão da Verdade?

SRA. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: Não, nós temos a parceria com a Comissão da Verdade.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Não é entre aspas então, é sem aspas.

SRA. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: Não, o presidente tem dado todo o apoio, toda a cobertura a pedido do Conselho.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Então não é. Retiro às aspas então.

SRA. HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING: Somos muito chiques, com a Comissão da Verdade.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Deixem suas valiosas mãos então essa questão. O segundo informe é com relação ao diálogo o que Conselho Curador está mantendo com entidades ligadas ao tema da música de concerto. Acho que os conselheiros se recordam, no final do ano, acho que na última reunião, que eles solicitaram o diálogo. E o Antonio está fazendo esse contato. Provavelmente faremos primeiramente um encontro no Rio de Janeiro, com os conselheiros fluminenses, para facilitar um pouco, o conselheiro Mário Augusto, o conselheiro Daniel. Em seguida, receberemos um representante deles no nosso roteiro de debates no dia 27 de fevereiro, para podermos então avançar nesse diálogo, tá?

Item 3 da pauta. Da pauta, não. Dos informes, política de parcerias, faixa da diversidade religiosa e outros. Tivemos alguns avanços com relação a esses processos. Ainda a serem concluídos. Eu gostaria até que o... O Rogério desse uma atualização dessa questão... Da questão dos programas religiosos, não é? Que nós já temos até alguns interprogramas no ar. Então a coisa evoluiu realmente, está evoluindo muito bem.

SR. ROGÉRIO BRANDÃO: Boa tarde a todos os conselheiros, boa tarde a todos. É, nós já encaminhamos, já caminhamos bastante, formalizamos já o projeto básico do que virá a ser a licitação que vai fazer o edital que vai convocar os produtores para participar. Nesse momento parece que ela já está encaminhada para o presidente. O presidente também solicitou que nós tivéssemos uma pequena comissão interna, que fizesse o acompanhamento permanente do passo a passo do processo no sentido de agilizá-lo. E imaginamos que nos próximos 30 dias, 45 dias, a gente já vai estar em condição de colocar esse edital, porque tem um tempo real, como você sabe, que a gente participou na última reunião do Conselho, e teve a presença do Alexandre, o responsável pela licitação, tem um tempo real depois que depois de tudo formatado, não tem como alterar isso. Mas nós acreditamos no que mais tardar, em 45 dias, a gente vai estar com esse edital já pronto para lançá-lo, e aí a gente cumpre o prazo dos 180 dias, que foi proposto, não é, e já para realizar o *pitching*, com essa comissão já formatada, já orientada pelo presidente, para poder partir para a produção efetiva junto com a produção independente dos programas que nós estamos denominando panorama, que são os 52 minutos, e retratos, que são os de 26 minutos, atendendo o que foi estipulado.

E já caminhando nessa direção, a diretoria teve a iniciativa de produzir para o final do ano, não é, que continua na grade de programação atualmente, porque ele é atemporal, uma série chamada Cultura e Fé, que privilegia todas as manifestações de fé pertinentes hoje no Brasil, quer dizer, orientados pelo Conselho, pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, e que já estão no ar e que permearam a programação toda em dezembro, que continua agora em janeiro e que podem sair e voltar assim que for definido, porque eles foram feitos de maneira atemporal, e que coloca ali todas essas entidades e manifestações, a sua intenção em promover, digamos assim, a humanidade e a fé, sem proselitismo, conforme foi orientado. O Conselho tem, eu deixei uma cópia do DVD, depois pode ser exibido pelo Conselho, não hoje, naturalmente, porque não está na pauta, mas, depois, do interesse de cada conselheiro.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu queria de público agradecer a parceria do Rogério, que na nossa última reunião foi muito propositivo e entendeu a preocupação do Conselho com relação a colocar esse programas no ar e, também, ao Nelson, que criou uma

Comissão Especial imediatamente após o meu pedido. Então eu queria agradecer a colaboração, Nelson, de público.

Com relação aos programas religiosos na rádio, nós ainda temos que conversar sobre isso, não é? A gente precisa formar um projeto e estabelecer prazos, mas isso nós não vamos discutir hoje porque a nossa pauta principal é o plano de trabalho. Então vamos deixar essas questões para outro dia.

Eu passo a palavra para o Nelson, presidente Nelson Breve, para fazer os informes da EBC, mas eu gostaria de pedir que você falasse especialmente sobre a criação da Empresa Pernambuco de Comunicação, e gostaria, acho que a conselheira Ana Veloso também tem interesse, não é, de... Por favor, Nelson.

SR. NELSON BREVE: Bom, antes da Empresa Pernambuco, só queria dar um informe, que esse mês, pelo plano de trabalho, eu acho que vocês observaram o grande crescimento, não é, o recorde que a Agência Brasil teve no final do ano passado, principalmente em relação à cobertura do Enem, e dizer que esse mês de janeiro, também em função inclusive da questão de Santa Maria, nós também batemos o recorde de visitantes da Agência Brasil, que foi dado em dezembro. Então, em janeiro já tivemos isso muito em função da nossa cobertura da tragédia, não é, que se abateu lá sobre Santa Maria. Então é este o primeiro informe, dizer que nós estamos muito avançados. Estamos desenvolvendo o site da Agência Brasil, que vai ser... Ele já está sendo preparado, formatado. Lançaremos oportunamente, em Beta, o site das rádios, do portal de rádios, que também está ficando muito bom, com inovações, e acreditamos que nesse primeiro semestre teremos boas novidades no âmbito da *web* em relação às nossas agências e em relação à nossa presença maior na *web*. Também falando que a ferramenta *hangout* do Google, que nós temos usado bastante, não é? Acho que somos um dos grandes usuários em termos de empresas de comunicação aqui no Brasil. Tem tido também muita repercussão. Recentemente, o Ministro Aldo Rebelo, o que ele fez com... Com o técnico da seleção, teve um alcance extraordinário em função do interesse do assunto, e, portanto, acho que aquilo que de certa maneira foi motivo da minha vinda para a empresa, quando a Tereza Cruvinel me convidou, que era o avanço da presença da EBC na internet, eu acho que a gente conseguiu encontrar um bom caminho. Estamos conseguindo avançar nessa área.

Em relação à empresa Pernambuco de Comunicação, nós tivemos a semana passada, quando foi assinado o decreto com o Estatuto da empresa. Acho que foi... É um avanço extraordinário do ponto de vista da ampliação do espaço das empresas de comunicação pública, não é, com o controle social que a gente tem aqui na forma desse Conselho Curador. Lá eles têm outro tipo de formatação, mas também com a presença da sociedade representada para acompanhar os princípios e objetivos da empresa. A empresa, o Roger Renoir, que vinha bravamente tocando

nesse período de transição, ele vai ser o diretor de programação. Também o Guido Bianchi, um publicitário local, vai ser o presidente da empresa. Vai ter um outro diretor, esse eu não vou conseguir me lembrar o nome, que eu conheci apenas naquele momento, também é ligado à Universidade Católica. Aliás, é colega da nossa conselheira [risos] aqui, a Ana Veloso. E foi motivo de muita satisfação e acho que Pernambuco abre um caminho interessante, que é reproduzindo a nossa legislação de certa maneira para que as demais empresas sigam o mesmo caminho. Eu queria passar então à conselheira Ana, que pode complementar.

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: Boa tarde aos conselheiros e às conselheiras, aos diretores, demais representantes da EBC, ao público que está na internet nos acompanhando. A criação da EBC é uma reivindicação muito antiga nossa. Nós fizemos a audiência lá em Recife em julho. Alguns conselheiros foram, o presidente, a ouvidora, não é? Nós fizemos com todo o esforço desse Conselho, inclusive da própria EBC, para abrir esse diálogo diante das solicitações que a gente recebia da sociedade. E, finalmente, a empresa foi criada e da parte da sociedade civil nós estamos na observação, torcendo para que a Empresa Pernambucana de Comunicação tenha muito sucesso, que a sua diretoria e a programação tenham esse... Mantenham esse diálogo com a EBC e com outras emissoras públicas e empresas, não é, que estão sendo organizadas. Mas da parte da sociedade civil nós estamos para apoiar e para monitorar, acompanhar e sugerir. E vai ser criado também um Conselho, que eu considero que nós teremos muito que colaborar nesse lugar, inclusive eu falei até com Regina, porque a experiência da ouvidoria é muito exitosa da EBC, que tem sido exemplo inclusive para outros países, uma experiência fundamental para a gente compartilhar lá na EBC. Tentar instituir uma ouvidoria com essa característica, não é, que a ouvidoria da EBC tem. Então ficamos felizes e estarmos vigilantes. Boa tarde.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada. Nelson.

SR. NELSON BREVE: Não, eu acho que é só, podemos ir para a pauta.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Só com relação, eu esqueci aqui, eu mencionei, mas não entrei no tema, sobre a política de parcerias. Se você puder falar um pouquinho sobre isso, Nelson.

SR. NELSON BREVE: Sim. Nós, conforme nós havíamos previsto, foi distribuído o texto? Foi, não é?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Foi.

SR. NELSON BREVE: Então estabelecemos um... É... Conforme a gente havia estabelecido na reunião anterior, mostrando quais seriam os princípios que a gente deveria obedecer para que a gente pudesse fazer parceria. Então aqui é uma hierarquização do que é mais fundamental

quando a parceria não é onerosa, a parceria é com outra empresa pública, as possibilidades que a gente tem. Nunca uma parceria deve significar que a gente perca o controle do conteúdo que a gente leva ao ar, do conteúdo que a gente disponibiliza para as pessoas. Então a gente apresentou. Eu gostaria de, depois, ouvir dos conselheiros se há um entendimento.

Nós tivemos, na última reunião que a gente aprovou esse texto, a observação da área jurídica nossa, que havia, digamos assim, um formato mais... Adequado de apresentação e que também a gente, eu encomendei uma minuta, ainda não consegui discutir com a diretoria essa minuta, mas que ela não altera o sentido do que está presente nessa política aqui. Portanto, ela está à disposição do Conselho Curador para todas as críticas necessárias, todas as críticas que quiserem ser apresentadas.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu consulto aos conselheiros se há alguma observação sobre esse documento. Ou se a gente abre um prazo para sugestões.

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: Boa tarde a todos e todas presentes. Eu acho que, até fazendo parte um pouco do que a gente já havia conversado em reuniões anteriores, eu acho que pode ser interessante uma observação dessa política pelos conselheiros, eu não sei, pode ser um grupo Intercâmara Temática, um representante de cada Câmara Temática para observar a política de parcerias, porque grande parte das colocações do Plano de Trabalho de 2013, de certa forma, estão ligadas um pouco a essa política de parcerias. E aí eu acho que então no caso é importante essa observação do Conselho Curador para afinar essa relação de cumprimento de algumas das metas colocadas no Plano de Trabalho que precisam passar pela política de parcerias. Bom, eu acho que é basicamente isso mesmo.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: O...

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: Um prazo talvez para a próxima reunião do Conselho Curador, porque a minha dúvida real é: essa política de parcerias, ela já está valendo? A empresa já está realizando parcerias de acordo com estes princípios, ou vai esperar o Conselho Curador deliberar sobre ela para realizar o início dessas operações?

Então essa dúvida, na verdade, eu tenho e a ideia da observação dos conselheiros sobre ela, eu acho que...

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: É, porque tem que ser anterior à edição da portaria, porque se não também não tem sentido. Depois de editada a portaria...

SR. NELSON BREVE: Do ponto de vista, é o seguinte: a empresa já está, sempre obedeceu esses princípios, eles só não estavam explicitados dessa forma e submetidos. Mas eles são basicamente os princípios que norteiam a nossa empresa e norteiam a nossa atividade.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu acho, eu, pessoalmente, acho um mês muito longo. Acho que a gente poderia estabelecer um prazo para a contribuição dos conselheiros, via e-mail, porque é a melhor maneira, mais ágil, não é, e possível. Então eu gostaria de marcar 15 dias a partir de hoje, por favor.

A partir do 16º dia, consideramos aprovado o documento e, aí, pode ser publicada a portaria, tá bom? Tá bem assim?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [0:23:59]: Uma questão, porque dependendo da qualidade das emendas, [ininteligível], eu acho que vai acabar era uma reunião do Conselho.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Se for o caso, evidentemente, claro.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Claro. OK?

Eu gostaria também de informar ou de fazer menção a essas publicações que a conselheira Maria da Penha trouxe para os componentes da mesa, que foram editados pelo gabinete do Senador Inácio Arruda e que todos são estatutos que...

SRA. MARIA DA PENHA MAIA FERNANDES: De Direitos Humanos.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: De Direitos Humanos, Estatuto do Idoso, da Cidade, da Igualdade Racial, Direitos da Pessoa com Deficiência, Lei Maria da Penha, é claro, enfim, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Eu não preciso manifestar aqui a importância desses documentos. E é uma contribuição do Senador Inácio Arruda para o debate.

A conselheira gostaria de falar alguma coisa, conselheira Maria da Penha? Ela está sem o...

SRA. MARIA DA PENHA MAIA FERNANDES: Agradecer a todos, não é, que observem, porque, com certeza, será... Haverá uma contribuição muito boa para cada um de nós que fazemos parte das Câmaras temáticas também, não é? Obrigada.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada. Bem, a nossa pauta, hoje, é dedicada basicamente à deliberação do Conselho sobre o Plano de Trabalho 2013.

Eu queria informar à diretoria, aos diretores, que o Conselho fez uma leitura atenta do Plano de Trabalho, dividido e organizado em Câmaras temáticas. Fizemos reuniões ontem e hoje, ao longo do dia, ontem, hoje pela manhã, e... Foi uma leitura muito atenta e muito produtiva do plano de trabalho. Eu não pude, claro, acompanhar todas as reuniões, mas da minha Câmara Temática foi extremamente estimulante,

não é? Eu acho que os demais conselheiros que estavam presentes também concordam comigo.

Eu queria agradecer ao empenho de todos os profissionais que se envolveram na produção do plano, especialmente a Secretaria Executiva da empresa.

Acho que temos que valorizar esse documento, mas, conforme eu já expressei informalmente, até para a Silvia hoje de manhã, eu acho que talvez fosse a maneira assim da gente também acompanhar mais esse Plano de Trabalho, que ele fosse elaborado ao longo do ano, com relatórios parciais ou mensais, mas aí, claro, não sou eu que estou gerindo coisa nenhuma. É só uma sugestão do Conselho. A conselheira Sueli, até nós conversamos sobre isso, não é, que pode apresentar sugestões de cronograma inclusive, de como é feito lá na Câmara. É no sentido de contribuir realmente, tá?

Então eu gostaria de passar a palavra e sugerir que a diretoria fizesse a apresentação, claro, dentro de um limite razoável do plano, e depois eu passo a palavra aos conselheiros para as observações e questionamentos, sugestões, etc.. O Eduardo vai ser o porta-voz.

SR. EDUARDO CASTRO: Estou nervoso.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Não fique.

SR. EDUARDO CASTRO: É verdade [*risos*]. Muito obrigado, muito obrigado pela atenção de todos com aquilo que é um norte para as nossas ações do ano, não é, em termos de conteúdo da empresa, e a gente tem a oportunidade também de colocar mais informações para que os conselheiros e a própria sociedade por ele representada, por eles representada, consiga ver aqui decisões que nós tomamos a partir de pontos objetivos que vão se transformar em programas de rádio e televisão e informações transmitidas via *web*.

Eu vou pedir para começar com o... De onde a gente parte, que é o ano de 2012, que fecha um os cinco primeiros anos da EBC. Por favor.

[Exibição do vídeo]

Narrador: EBC, cinco anos. Uma empresa em transformação. No ano passado teve início o processo de aprimoramento da nossa gestão empresarial para enfrentar os desafios da comunicação pública. Foi elaborado o plano estratégico 2012/2022, definindo missão, visão de futuro, valores e objetivos a serem alcançados. Também formulamos o Plano Diretor de Tecnologia da Informação e da Comunicação para o biênio seguinte. EBC, cinco anos, uma empresa em expansão. Em 2012, a Rede Pública de televisão foi ampliada e passou a alcançar 25 estados brasileiros e o Distrito Federal. Foram agregadas as regiões de João Pessoa e Curitiba e, em breve, Florianópolis. Estamos presentes em cerca de 1.800 municípios, através de parcerias com 44 emissoras geradoras.

Também foi criada a rede de rádios da Amazônia, que reúne 15 emissoras de seis estados da região.

Já a Agência Brasil teve um aumento de 48% na sua audiência, com uma média de 350 mil visitantes por mês. EBC, cinco anos, uma empresa em renovação.

Em setembro de 2012, a programação da TV Brasil foi aprimorada. Buscando fidelizar o telespectador, foi lançada a nova identidade visual e definidas faixas horizontais ao longo da semana.

TV Brasil, programa certo na hora certa.

Também foram lançadas 27 novas séries de programas com o objetivo de qualificar e diversificar a oferta de conteúdos educativos, informativos, culturais e de entretenimento.

A comunicação com o público ficou mais direta, mais humana.

Narradora: Liliane Reis é apresentadora do estúdio móvel. Ela decidiu estudar jornalismo porque gostava de ver Alberto Dines no programa Observatório da Imprensa. Diferentes gerações de jornalistas estão com você na TV Brasil.

Narrador: Para cumprir a nossa missão, veiculamos uma programação de alto valor cultural para quantificar o retorno dessas atrações, prestígio e audiência são indicadores importantes.

Nesse ano, somados aos dados do Ibope, vamos contratar outras pesquisas para saber mais sobre o telespectador e suas preferências.

Para viabilizar este estudo, estamos reestruturando o setor de pesquisas. Buscando o cruzamento de mídias, foi lançado o portal EBC, criado para integrar os conteúdos dos diferentes veículos da empresa numa única plataforma digital. São produtos específicos, feitos em linguagem multimídia e distribuídos nas redes sociais.

EBC, cinco anos, uma empresa em afirmação.

No início do ano passado, tivemos um papel de destaque na Rio+20. Responsável pelo pool de emissoras brasileiras que gerou o sinal oficial das Nações Unidas, a EBC cobriu o evento de forma transmídia, oferecendo informação em tempo real.

Também fomos responsáveis pela difusão da rádio cúpula dos povos, tornando possível a liberdade de expressão dos movimentos sociais que participaram da conferência.

Em texto, rádio e televisão, o nosso jornalismo teve um grande reconhecimento com a conquista de 12 prêmios no ano passado. O maior destaque foi para o programa Caminhos da Reportagem, que se consolidou como referência em documentários jornalísticos ao abordar temas ignorados pela mídia comercial.

No final do ano, apresentamos uma variada programação especial.

Narradora: No dia 24 ao dia 05 de janeiro, presentes de cultura. O melhor da nossa sétima arte no cine nacional especial. Toda a magia da dança no balé da cidade de São Paulo. Uma sessão animada para a garotada. E uma série sobre a obra de grandes cartunistas, profissão cartunista. E num documentário sobre a vida do escritor Stefan Zweig. Presentes de arte. Um encontro entre o clássico e o popular, uma sinfonia fina. O especial de Ano Novo do Samba na Gamboa. E um espetáculo que já mencionou plateias do mundo inteiro: Cantata Diário de Anne Frank. Presentes de informação. Tudo que aconteceu de mais importante no ano na retrospectiva 2012. Presentes de brasilidade. Toda a nossa diversidade musical nos shows quinteto violado 40 anos. A Bossa Nova de Perí Ribeiro. E na virada do ano, Diogo Nogueira convida grandes nomes da MPB para festejar a chegada de 2013.

Cultura, arte, informação e brasilidade no fim de ano da TV Brasil. O seu presente está no ar.

Narrador: EBC, cinco anos, uma empresa em inovação.

No campo tecnológico, demos um importante passo para a melhoria da qualidade de exibição da nossa programação, prioridade máxima da nossa empresa. Com a instalação do gerenciador de arquivos de mídia no Rio de Janeiro e a aquisição de um novo controle mestre de exibição, fechamos uma etapa no processo de migração para a plataforma digital de toda a cadeia de produção da TV Brasil. Em dezembro de 2012, teve início, com o apoio do Banco Mundial, o projeto-piloto do operador nacional da rede pública da TV digital.

O objetivo desse projeto é avaliar os impactos socioeconômicos da TV digital entre os beneficiários do programa Brasil sem Miséria.

Narrador2: Para nós é muito importante esse projeto, porque ele permite que a gente consiga testar em campo, não é, exatamente todos os aplicativos que podem ser utilizados para estabelecer essa janela de diálogo entre a sociedade e o Estado.

Narrador: Através do aplicativo de interatividade, Ginga, com apenas um clique no controle remoto, o nosso telespectador poderá marcar uma consulta no Sistema Único de Saúde ou até mesmo buscar um novo emprego.

EBC, cinco anos, uma empresa em transformação, expansão, renovação, afirmação e inovação. Vamos trabalhar para que o nosso crescimento seja ágil, sustentável. O povo brasileiro vai poder cada vez mais ouvir, acessar e assistir os veículos da EBC. A nossa Empresa Brasil de Comunicação.

[Fim da exibição do vídeo]

SR. EDUARDO CASTRO: Não cabe tudo no vídeo, não é? Temos que falar um pouquinho mais de outras áreas, e, também, o tempo passa, então agora nós já temos, a gente falou ali em 12 prêmio, nós já

ganhamos 14 até o fim do ano. E as geradoras já passaram para 47. Então eu vou pedir para seguir ali, para a gente atualizar. A gente está... estão licitando, estão licitando a prateleira para colocar ali.

Vamos lá então. São 1.781 municípios, em cidades que abrigam 61% da população, que nos recebem no final desse ano em transmissão terrestre, pela banda 'c' a gente já chega a todo o Brasil e pelo cabe a gente passa de cerca de 92, para 96% de acesso. A lei diz que tem que ser 100%, nós estamos chegando lá.

Aí os dados da TV fechada e dos domicílios que recebem por atenda parabólica, ou seja, a gente já chega hoje em dia em todo o país.

Quatrocentas mil horas de conteúdos foram feitos nos últimos cinco anos na rádio e na televisão. E na rádio, 70% desse conteúdo é produzido pela EBC, 30% de parcerias, e uma configuração que é diferente da televisão. Já são 40% de produção própria, quase 30% de parcerias e 28% de programas que nós adquirimos os direitos temporariamente, licenciados para passar. 7,4% do conteúdo regional. Aqui não entra o jornalismo, que se não a conta é impossível de fazer, não é, porque tem todo dia entra coisa de parceiras de rede no jornalismo, mas isso varia de dia a dia, e 38,% do conteúdo é independente na programação semanal. Nós temos objetivos a cumprir com base na lei.

São quase 20 mil fotografias em cinco anos, 35 mil reportagens de textos, só para a gente ter uma ideia do tamanho da nossa ação na internet.

Lá as emissoras que estão hoje em nome da EBC. Dezoito rádios consignadas, sete geradoras de televisão, cinco geradoras de televisão digital, dez retransmissoras de TV, todas em nome da EBC e trabalhando conosco.

[Falha no áudio 0:38:37]

Uma das nossas... A criação da Escola Nacional de Comunicação, um acordo que envolve a ONU, perdão, a Unesco nesse caso, e, também, nós temos iniciativas de colaboração com o Ministério das Comunicações e com a ONU na capacitação do setor público de comunicação.

Dois mil e doze começou com mais reprises e terminou com menos, porque nós modificamos a programação no final. Esse é o total de horas que nós colocamos no ar. E daqui a pouco eu vou entrar um pouquinho mais do por que é que a gente diminuiu as reprises ao longo do ano. Esse daqui é um dado que é sempre relevante para nós, que é o acesso a quem não costuma ter essa atenção. Quatro mil relações horas de programação com legenda oculta na TV e estamos hoje em 18 horas diárias, a partir do mês de dezembro, com a *closed caption*, a legenda oculta. Nós vamos chegar a 24, seremos o primeiro canal de TV aberta a chegar a 24, já agora, se tudo der certo, agora no início deste ano. Toda a nossa programação com *closed caption*. No ano de 2012 exibimos 318 filmes,

sendo que, mais uma vez, nós somos a emissora brasileira que mais filmes brasileiros passou em TV aberta. Aumentamos de duas para nove horas a programação das emissoras parceiras, nós aumentamos, portanto, os programas que são elaborados pelas emissoras e passados para todo o Brasil.

Fizemos 34 transmissões ao vivo de eventos esportivos, culturais e de cidadania. Um destaque aí no final do ano para a homenagem a Luiz Gonzaga, que nós transmitimos direto, no dia 13, que foi o dia do centenário, dia 13 de dezembro, nós transmitimos ao vivo de Exu e de Recife. E um trabalho forte em cima da tentativa de melhoria do sinal, que culminou no dia 21 de dezembro com a instalação do exibidor digital no Rio de Janeiro. Nós ainda não anunciamos formalmente que eles estão trabalhando porque eles ainda estão em testes, mas no Rio de Janeiro, hoje, já é possível assistir a TV Brasil em HD. Não na rede como um todo, esse é o que nós vamos dar a partir de agora, exatamente por causa da transformação que isso solicita das nossas emissoras e colocar em funcionamento aqui o novo centro de transmissão, aquele que fica na 701, aqui do outro lado da rua.

Instalamos também, já está funcionando, em transmissor novo para São Luís, é analógico, mas a emissora passa a contar com uma quantidade de pessoas bem maior nos assistindo e com a qualidade de sinal bem melhor.

Isso trouxe reflexos na audiência, principalmente no final do ano. Como a gente disse, o começo do ano nós tivemos dificuldade, por causa da dificuldade inclusive orçamentária, no começo do ano nós tivemos mais reprises que no final e os índices de audiência aqui já demonstram que a mudança de programação em setembro trouxe alguns picos de horários interessantes. Os dados estão todos aqui, eles estão colocados por cidade. Aqui é só gráfico explicativo. O gráfico está aqui dentro no resumo, no Plano de Trabalho como um todo. Eu de fato estou nervoso.

Falando um pouquinho mais das rádios.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [41:45]: [pronunciamento fora do microfone]

SR. EDUARDO CASTRO: Eu fico, é. Nós fizemos algumas ações muito...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. EDUARDO CASTRO: Exato. Muito específicas no campo das rádios, especificamente na Rádio Nacional da Amazônia, que fez 35 anos em 2012. Nós solidificamos e tivemos um recorde de inscrição no festival de música da Nacional FM e também das rádios do Rio de Janeiro, o que muito nos orgulha, porque abre espaço para novas gerações de compositores e também de intérpretes. A Rádio Nacional do Rio de Janeiro

fez uma modificação interessante na sua programação da manhã, tornando ela mais ágil, mais ligada à cidade do Rio de Janeiro. A região metropolitana do Rio, que era um pedido que há muito tempo a gente ouvia e agora foi possível, colocar em prática.

E tivemos também aí alterações de infraestrutura no Rio de Janeiro importantes, como a instalação dos transmissores novos; o término da instalação, tanto dos transmissores da nacional quanto da MEC, tanto em Brasília quanto no Rio. Hoje, nós estamos sendo transmitidos em 100 quilowatts (KW) a partir do Rio de Janeiro e 50 quilowatts (KW) de dia aqui de Brasília. À noite, essa potência sobe. E eu, de férias no deserto do Atacama, tive a satisfação de ouvir a Rádio Nacional à noite. Além da rede de rádios da Amazônia, que nós já tivemos a oportunidade de falar no vídeo, nós lançamos a pedra fundamental da rede de rádios no Sul. No Sul nós não temos emissora própria. Nós dependemos de construir essa rede para fazer com que o nosso conteúdo chegue e não só isso, o conteúdo das emissoras da região também cheguem para o restante do Brasil através da rede de rádios que nós estamos estipulando, uma rede que esse ano ganha peso por causa da transmissão da Copa das Confederações, não é? Nós já garantimos os direitos para a transmissão em rádio da Copa das Confederações e desse ano e, também, da Copa do Mundo do ano que vem.

Conforme foi, várias vezes, falado aqui no Conselho Curador ao longo do ano, nós fizemos uma alteração, inclusive foi aspecto tratado hoje na Câmara de Rádio também, não é, nós fizemos a transferência da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, do prédio da praça Mauá, para a TV Brasil, para que não fosse... Para o que público ouvinte não fosse impedido de ouvir o som digital enquanto a gente não faz a reforma no prédio histórico da Rádio Nacional, porque o prédio não tinha condições de receber novos equipamentos. Levaram o prédio para dentro... A emissora para dentro da Rádio Nacional, coisa que nós vamos terminar de fazer agora com a Rádio MEC também, que vai nos permitir fazer reformas com muito mais tranquilidade e já colocar à disposição do ouvinte um som melhor.

A automação das rádios também foi algo importante, que está dando possibilidade da gente ter um site, inclusive esse a que o Nelson se referiu, com uma possibilidade, uma gama de possibilidades de uso por parte do ouvinte da internet, muito interessante.

No jornalismo, o lançamento do manual do jornalista também foi muito discutido aqui no Conselho Curador. Ele já está à disposição não só dos nossos repórteres, como também dos repórteres da rede e da sociedade brasileira como um todo, com parâmetros para o nosso jornalismo. Iniciamos a reforma dos formatos e dos cenários dos jornais. Hoje a Nereide até me disse que teve a oportunidade de levar alguns conselheiros lá de manhã.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. EDUARDO CASTRO: Ah, não é, é, o estúdio nº 1 está à disposição dos conselheiros para que eles deem uma olhada, qual o formato que nós estamos dando no nosso jornalismo, no novo cenário já está em montagem.

Na área internacional, nós tivemos, além da... Do incremento nos nossos telejornais com Emir Sader e a participação da nossa da reportagem dos canais da EBC procurando informações no exterior, nessa época como sempre trazendo informações com aquela tentativa de uma perspectiva diferente, nós mantivemos correspondente na África, mantivemos correspondente na Argentina, e no âmbito institucional, nós estamos trabalhando na implementação de mais conteúdo em espanhol e em inglês, primeiro nas agências, para depois chegarmos à televisão e à internet como um todo, não é, com esse material. E, também, no campo institucional, no internacional, nós, no mês de novembro, não é? A Ana Fleck estava presente em Londres, fizemos o convite para que as emissoras que compõem o grupo das emissoras públicas de mais prestígio e representatividade fizessem o seu encontro em 2014 aqui no Brasil. Até agora, seremos nós. Em abril será confirmado o local dessa conferência no final do ano de 2014, mas a nossa é a única candidatura, e o que significa, o que mostra o que Brasil se mostrando nesse campo, se colocando nesse campo, está recebendo também uma atenção por parte do setor.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eduardo, eu posso te interromper nesse aspecto?

SR. EDUARDO CASTRO: Pode.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu queria, mais uma vez.

SR. EDUARDO CASTRO: Vou ver se eu paro de tremer um pouco.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu queria fazer uma homenagem ao Otoni Fernandes Júnior, que estava conosco, e é o responsável direto por todo esse trabalho junto ao comitê. Eu faço a minha homenagem comovida, é um grande amigo e um grande homem que nos deixou, mas deixou um trabalho... É... Um projeto para a TV internacional, da EBC, e eu gostaria de prestar mais uma homenagem ao Otoni.

[palmas]

SR. EDUARDO CASTRO: Eu acho que a nossa grande homenagem, inclusive, é levar o projeto adiante. Esse também é algo que vai... Vai deixar ainda mais a presença dele, não é, dentro da nossa instituição.

Bom, o Plano de Trabalho propriamente dito, que parte de todas essas informações que eu dei, foi elaborado em quatro perspectivas. A perspectiva criativa, a perspectiva divulgadora, difusora e financeira.

Estas perspectivas se referem aos seguintes tópicos que eu apresento agora. A criativa, às atividades relacionadas com a produção e o empacotamento daquilo que fazemos nos nossos veículos. A perspectiva divulgadora, às ações de comunicação e divulgação em marketing voltados para ampliar o conhecimento sobre a EBC, que é um ponto fundamental do nosso trabalho, e nós fizemos um grande incremento em termos inclusive orçamentários nessa rubrica para esse ano, não é? Fazer conhecer a EBC, fortalecer a marca, e, também, evidentemente, as nossas programações. Perspectiva difusora, não é? A entrega dos nossos conteúdos, a qualidade e amplitude da distribuição que nós partimos com essa mudança significativa da digitalização, do final do processo de digitalização em termos de transmissão, que é a central técnica, e teremos aqui, a partir do primeiro semestre. Eu não direi certamente porque sempre pode acontecer alguma coisa, como aconteceu no ano passado fora do nosso controle, mas a perspectiva nossa é de que no primeiro semestre a gente tenha um parque difusor aqui em Brasília, do outro lado da rua ali, o nosso berçário de antenas já está praticamente pronto e isso também deve melhorar o nosso sinal. E a quarta perspectiva é a perspectiva financeira. Claro, a partir daquilo que recebemos de dinheiro, e neste ano algo muito fundamental, que é... Isso é uma mudança, para nós é uma novidade, nós vamos captar no mercado, claro que nunca... Apoio comercial e sim, apoio institucional e patrocínio institucional... Perdão. Basicamente é um patrocínio institucional, ou não comercial, ligado às empresas, do campo privado e do campo público, que vão nos fazer com que nós tenhamos uma diversidade na entrada de dinheiro, que para nós é muito bom, mas, ao mesmo tempo, a diferença da novidade. E isso faz com que esse ano para nós seja um ano bem diferente em termos da perspectiva financeira, que eu começo apresentando aqui, mas tem mais detalhes, evidentemente, aqui dentro do Plano de Trabalho.

Vencidas as etapas da planificação estratégica que nós devemos colocar em prática a partir desse ano, o foco é a gestão da qualidade. Nós temos do ano passado para esse ano, mais de... Se não, até o final de fevereiro, cerca de 600 novos funcionários na EBC. Funcionários concursados, que vieram para substituir, primeiro, os que foram temporários e, depois, a Acerp. Os funcionários que prestavam serviço para a Acerp e nos apoiavam por meio do contrato de gestão. Esse contrato de gestão que se encerra em 31 de outubro, faz com que a mudança... Perdão, 31 de dezembro, até lá a gente tem que terminar com o problema, 31 de dezembro tem que estar tudo resolvido. Essa perspectiva, essa mudança profunda pela qual vai passar, principalmente as nossas... Passarão as nossas sedes no Rio de Janeiro, rádio e televisão, tem também um impacto muito importante, mas a gente não pode deixar

de lado e abrir mão de implementar e solicitar a qualidade. Então nós estamos aumentando. Mais uma vez, já fizemos isso no ano 2012, vamos fazer no ano de 2013, a receita, o orçamento destinado à educação corporativa, não é? É algo que já foi... A quantidade de horas foi quintuplicada de treinamento/hora funcionário no ano de 2012 e nós vamos continuar aumentando nesse ano de 2013. A base é que a nossa audiência merece o melhor conteúdo e a melhor qualidade técnica, com relação ao melhor alcance, e ela não tem nada a ver com os problemas internos que nós passamos, na transformação da nossa empresa. Nós temos que dar resultado dessa mesma forma.

Buscando novas audiências. Nós estamos melhorando a qualidade do nosso sinal, é o foco principal da nossa ação em área de tecnologia, principalmente na área de televisão para esse ano, já que no ano passado tivemos uma melhora interessante em termos de rádio. O posicionamento dos nossos canais digitais é algo que muito nos preocupa e que estamos trabalhando firmemente, que é o canal digital, diferente do canal analógico, ele não tem um número fixo. A gente precisa trabalhar junto, inclusive ao Ministério das Comunicações, para ver como é que essa nova configuração de televisão no campo digital pode nos colocar mais presente em meio às grandes redes privadas, para que a gente apareça com mais clareza para o telespectador, principalmente onde a gente é menos conhecido.

Também, a partir do portal, a partir do lançamento do portal das rádios, a partir da nova Agência Brasil, que, como o Nelson destacou, já estamos trabalhando junto com o jornalismo e captando informações, fazendo uma pesquisa interna forte para que o mecanismo seja o mais eficaz possível, aumentar a oferta de conteúdos, as nossas várias plataformas. E no rádio também, eu já falei da televisão e das agências, da internet, e também no rádio a partir desse ano, quando eu, repito, temos uma movimentação muito grande em torno da Copa das Confederações, que, para nós, conforme a nossa política estipula, não é só futebol, não é? É uma grande oportunidade, inclusive, de mexer com emissoras públicas de todo o país, de colocar sotaques no ar, e é isso que gente pretende fazer para a cobertura da Copa das Confederações. Vamos em frente.

Algumas estreias que já estão programadas para 2013. A gente vem apresentando essas ideias ao longo do ano. Alguns programas na faixa infantil, como Igarapé Mágico, Teco Teco, há detalhes da programação, daqui a pouco a gente vai entregar para os Srs. conselheiros o resumo daquilo que é a programação atual e os programas que estão entrando. Também tem aqui no Plano de Trabalho mais detalhes.

No infantil, a gente tem novidades. E na área de Direitos Humanos, também. São algumas séries, alguns documentários, um programa específico sobre Direitos Humanos que a gente vem trabalhando com o auxílio do instituto Vladimir Herzog para conseguir chegar a um formato

que seja ao mesmo tempo interessante televisivamente, e que atenda aos objetivos, de quem quer falar de Direitos Humanos, que é um assunto muito caro para nós, na EBC, e também aqui no Conselho Curador a gente sabe que isso chama... Deve ser chamado como... Uma das coisas que deve chamar a atenção na nossa programação.

As coberturas por para esse ano. Eu já falei da Copa das Confederações, a Copa do Mundo no rádio. A Série C na televisão. Nós finalizamos as negociações no final do ano passado. Uma longa negociação, que a gente esperava ter terminado antes, mas não foi possível, mas agora para o mês de junho, quando começa a Série C, nós teremos a satisfação de estar com essa... Passando para todo o Brasil essa faceta do país, que é futebolisticamente pouco conhecida.

Estivemos agora na 8ª Bienal da UNE no Recife, o Fórum Social Temático em Porto Alegre, nós estamos lá essa semana, muito embora, a questão de Santa Maria tenha tirado um pouco da atenção do assunto. Temos, como já discutimos aqui no Conselho Curador, uma cobertura diante da quantidade de pessoas que vai ao Rio de Janeiro, da Jornada Mundial da Juventude, sem entrar no campo do proselitismo religioso, é importante ressaltar. E também estamos programando para esse ano, além daquelas coberturas de semanas temáticas, como, por exemplo, a da Ciência e Tecnologia, a da Consciência Negra, a Campus Party, onde estamos nesse instante em São Paulo. Eu destaquei ali, nós destacamos ali a cobertura do Enem porque é algo que nos tem chamado a atenção, que é um assunto que recebe comparavelmente a sua importância ou uma atenção menor do que deveria nos meios de comunicação e que a gente julga que é a nossa obrigação trazer o jovem para discutir esse assunto, não é? O tema Enem, o temas que caem... Que são afetos à escola nesse caso. Quer dizer, é muito importante também que nós sermos os nossos veículos sejam referência para esse assunto.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [0:56:48]: Isso em função da gente ter observado que todas as vezes que esse assunto, a gente coloca, principalmente na redondo é mais fácil da gente... A internet é mais fácil da gente mensurar, é sucesso total. Sempre foi sucesso.

SR. EDUARDO CASTRO: Bom, sobre novos formatos, como eu destaquei, é um ano que para nós, ele vai ser muito difícil, por causa desse... Dessa mudança no relacionamento da Acerp, principalmente por causa da mudança da captação da EBC. E que influa na nossa maneira de gastar dinheiro. Nós não estamos agora apenas, e, dependendo do orçamento da União. E isso faz com que o nosso fluxo de caixa seja o mais próximo de uma empresa que não tem o aporte da União, não é completamente, é bom que a gente deixe isso claro, mas isso faz com que a gente precise pensar e tomar... Ter uma precaução muito grande em lançar ideias para o ano de 2013. Eu já posso adiantar que não é algo que a gente faz com satisfação, mas nós teremos que sacar alguns programas do ar no início do ano, fazendo com que a tentativa de que eles voltem no

final ou que eles descansem um pouquinho para que a gente tenha condições de colocar outros programas no ar. E sempre essa escolha é complicada e difícil, não é? Não é fácil nas reuniões do Conselho de programação, também não é fácil a gente tirar algo da programação, mas a gente precisa abrir espaço para colocar coisas novas e essa escolha, eu repito, é muito complicada. Nós estamos repaginando alguns programas que vieram inclusive do tempo da TVE ainda, e que estão na grade de programação. Nós julgamos que eles cumprem alguma função dentro das nossas... Dentro da nossa missão, mas que nós acreditamos que precisam passar por uma repaginação, ou seja, um acerto no conteúdo, no foco, ou, então, na linguagem e no formato.

Também temos novas temporadas de alguns programas já concentrados. Alguns até vão mudar de apresentador, vão mudar de formato um pouquinho para que a gente tenha o mesmo tipo de conteúdo, mas com uma linguagem revisitada.

A nova faixa da diversidade religiosa, que a gente coloca no ar nesse ano, é uma coisa que para nós é muito importante. Já falei também dos sites da Agência Brasil e do Repórter Brasil, que é o que vem depois da Agência Brasil Rádios, Agência Brasil, Repórter Brasil, essas são algumas das iniciativas para esse ano.

E aqui a gente dá uma ideia, que está mais bem detalhada, evidentemente, no plano de trabalho, em como é que a gente... Como é que nós nos posicionamos a partir do nosso orçamento. O nosso orçamento, em termos de aplicação nesse momento, é de 507 milhões, a 26 milhões que são da reserva, não é contingenciamento, é reserva de contingência, tem um equívoco ali. Não há contingenciamento, há reserva de contingência, que é uma outra coisa. Exatamente, não há contingenciamento.

Desses 507 milhões, eles estão colocados dessa forma em termos percentuais, em termos de custeio, 47% aproximadamente. O pessoal consome quase 42% da folha. Isso está tudo detalhado aqui dentro. Eu solicito que... Há, inclusive, destacado aí para os Srs. conselheiros terem mais informações a respeito da nossa realidade orçamentária. E, aqui, como eu dizia, uma parte do nosso orçamento, esse ano, uma parte considerável, depende da captação externa e, isso, ao mesmo tempo que nos coloca um desafio diferente, também é motivo de preocupação, não podia ser diferente. Aqui um pouco do contingente de... De empregados que a EBC tem e como é que eles estão distribuídos entre jornalismo, produção, internacional e a diretoria geral, que é o empacotamento e a distribuição do material. A parte de apoio, não é, a toda a produção que nós fazemos para que... Está tudo dentro do Plano de Trabalho para que os Srs. conselheiros também tenham uma ideia de como é essa distribuição orçamentária relativa ao conteúdo. Sempre que a gente possa fazer a comparação no que a gente gasta e o que a gente gasta para fazer rádio e televisão e internet. Eu acho que é uma informação que está aí

colocada com relação aos... Aos anos anteriores e também a esse ano em termos de custeio e de investimento. Esse gráfico e o anterior, nos principais itens de investimentos, aquilo que a gente investe em programação propriamente dita, repito, mais uma vez, aqui está tudo muito bem detalhado.

Algumas das séries que nós tivemos a oportunidade de desenvolver ao longo do ano de 2012. São conteúdos que já estão prontos para a divulgação a partir de 2013. Nós vamos fazer a distribuição ao longo do ano para que ele tenha... Tenhamos novas atrações ao longo de todo o ano de 2013, nas mais diversas áreas que nós atuamos.

Aqui eu destaco o Prodav, porque a seleção pública, por intermédio de chamamento público, uma forma de chamamento público, nós fizemos a seleção de 26 produções. Essa seleção é entregue à Ancine, para que haja a gestão desse... Para que essas produções recebam financiamento e nós possamos fazer uso delas. A gente sabe que das 26 produções, nem todas vão chegar ao final. Isso é natural, isso e aconteceu. Mas nós estimamos uma parcela importante aí do nosso investimento para a produção independente. Por intermédio do Prodav e, também, vamos fazer a seleção por meio daquele portal de produção, as ideias da população, de outras produtoras, enfim, a abertura pública para que as pessoas apresentem as suas ideias de programa.

Aqui alguns dados com relação aos contratos de conteúdo. Aqui, os de rádio. Os do jornalismo, o que é que nós temos em relação às emissoras parceiras. Investimento em novas temporadas no Nova África, Cara e Coroa, Papo de Mãe, Observatório da Imprensa. Mais algumas outras ações feitas no campo do jornalismo.

Licenciamento de obras, não é, que são basicamente séries e filmes e, também, os desenhos animados, que não aqueles que nós adquirimos pelo Prodav. O Meu Amigãozinho, que é aquele elefante azul, que está na nossa programação, está concorrendo ao Oscar do Canadá, não é? E nós estamos preparando a segunda série dele por intermédio do Prodav.

Como eu já falei, a nossa preocupação com relação ao acesso à nossa programação vai se consubstanciar em 24 horas de programação com legenda oculta em 2013 e, também, nós estamos desenvolvendo com a Acerp, na verdade a Acerp desenvolve em nosso benefício também, aplicativos para a televisão digital que vão permitir com que a linguagem em Libras esteja à disposição de quem quer, o controle remoto você aperta, coloca, controle remoto você aperta, sai. A tradução em Libras. E a gente também pretenda que isso, o mais rápido que for possível a gente desenvolver essa linguagem, esteja à disposição do nosso telespectador.

Nós estamos terminando a transferência do jornalismo. Para que isso acontecesse e viesse aqui para o Venâncio, em Brasília, dependia da instalação do cenário, coisa que está acontecendo agora. Então agora estamos aqui recebo havendo Nereide de braços abertos, toda a turma, a

partir do carnaval. Nós não estaremos mais operando definitivamente no velho prédio.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [01:04:24]: [pronunciamento fora do microfone]

SR. EDUARDO CASTRO: Sim, começa com a Agência Brasil e a rádio, e depois, quando o cenário estiver instalado, o jornalismo da televisão vem para cá. É um processo. É a vinda do jornalismo.

Vamos lá.

Para fechar a apresentação aqui, eu também destaco o trabalho, um trabalho que foi deixado pelo Otoni, que é a tentativa de nós chegarmos esse ano no Canadá e em todos os países da Europa, chegando não em todos os países da Europa, mas em um bom número de países da Europa, elevando o número de países que recebem a imagem da TV Brasil internacional de 67 para 84 países. Isso é um... É uma bala que já está indo em direção ao alvo. Foi disparado ainda pelo Otoni e que nós esperamos que tenha condição de colocarmos em prática nesse ano.

De maneira geral, é isso. Eu me coloco à disposição. Acredito que falo em nome dos demais diretores que trabalham com conteúdo aqui, não é, e, enfim, esse é, em linhas gerais, aquilo que a gente pretende para esse ano de 2013. Muito obrigado.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada, Eduardo. Mais algum diretor que queira acrescentar alguma coisa?

O Rogério quer dar um informe só, rapidamente.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Boa parte das reuniões do Conselho, com informes da diretoria; não é? Eu me pergunto se não é a hora da gente partir imediatamente para a discussão desse plano de trabalho, que, se não, vai ser a derrogação do tempo disponível para a discussão. O diretor fez uma exposição minuciosa, menos para nós, conselheiros, que já conhecíamos tudo isso que ele disse, mas mais para o público que acompanha a reunião. Eu acho perfeitamente legítima essa informação que ele deu.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Essa é a nossa preocupação mesmo.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Agora eu acho que prolongar para outros diretores a palavra, vai diminuir o tempo disponível para a gente debater no Conselho Curador o Plano de Trabalho apresentado. Essa é a minha questão de ordem.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu entendo a sua posição, dos conselheiros. É só porque o Rogério me pediu para dar um informe rapidíssimo de dois minutos, antes da reunião. Eu peço a licença dos conselheiros e imediatamente partimos para a discussão do plano. Rogério.

SR. ROGÉRIO BRANDÃO: É um detalhe apenas. Considero relevante. Na segunda semana de janeiro agora, o jornal O Globo publicou o que eles entendem que foram os dez melhores programas da televisão brasileira em 2012, e a TV Brasil estava lá representada com o seu arte do artista, acompanhado de outra emissora apenas, que era a TV Record, que os outros oito programas, naturalmente, eram da Rede Globo. Mas eu achei isso relevante do ponto de vista da percepção do trabalho que nós estamos fazendo. E do esforço de nós todos, da TV Brasil, em fazer um produto de excelência. É só isso. Obrigado.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada, Rogério. Passamos então à discussão do plano. Eu abro para a manifestação dos conselheiros. Por favor. Eu vou fazer uma inscrição para a gente não se perder. Takashi, José Martins. Pois não.

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: Posso dar uma sugestão rápida?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Pois não.

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: Poderíamos primeiro ouvir as Câmaras e, depois das Câmaras, as manifestações de todos e todas que desejarem?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Claro.

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: Porque as Câmaras fizeram as reuniões e tem os seus relatórios, as suas questões. OK, obrigada.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Boa, boa sugestão. Me parece que o conselheiro Takashi é também um dos porta-vozes de uma das Câmaras, não é isso? Então está falando em nome da Câmara, é isso?

SR. TAKASHI TOME: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: É, por sugestão da conselheira Ana Veloso.

SR. TAKASHI TOME: Desculpa, conselheira Ana, que eu não consegui entender a parte inicial da sua frase, mas eu acho que não há prejuízo.

Bom, antes de mais nada, eu gostaria de parabenizar o trabalho de toda a equipe da EBC. Eu acho que essa colocação que o diretor Rogério fez em relação à menção da Rede Globo sintetiza bem o esforço que a equipe técnica da EBC vem realizando para a criação de uma programação de primeira qualidade. Parabéns a todos.

Em relação ao Plano de Trabalho propriamente dito, numa primeira leitura eu tive uma certa dificuldade de compreendê-lo. Aí conversando com os colegas ontem, ficou um pouco mais claro, e está me parecendo que existe um pequeno problema aqui. E conversa vai, conversa vem, eu

dei uma olhada em como é que foi o Plano de Trabalho de 2011 e parece que é muito similar ao que está ocorrendo.

O que aconteceu em 2011 e o que acontece agora? Nós temos, na verdade, dois documentos num só. Nós temos o relatório de execução de 2012 e o Plano de Trabalho 2013. Então em 2011, após discussões, foi solicitado e a diretoria implementou a separação desses... Desses dois assuntos em dois volumes separados.

Bom, agora em relação ao relato da Câmara de Rádio, não é? Quando a gente separa o executado do Plano de Trabalho para 2013, a constatação que a gente faz é a seguinte: estamos acabando de receber aqui, saindo do forno, não é, o relatório da EBC rádios, e ainda não consegui, assim, desenvolver a habilidade da leitura dinâmica. Então se eu estiver falando besteira, por favor, vocês me perdoem, tá? Mas, de qualquer forma, a crítica que nós fizemos na Câmara de Rádio hoje de manhã aparentemente continua valendo, ou seja, nós não temos nenhuma visibilidade em relação ao que está sendo planejado como trabalho para 2013, ou seja, esse documento que foi entregue como sendo o Plano de Trabalho em 2013, em relação ao capítulo rádio, ele contempla somente informações passadas, não contempla informações futuras. Então era essa a observação. Obrigado.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: conselheiro José Martins, por favor.

SR. JOSÉ ANTÔNIO FERNANDES MARTINS: É, eu, final de semana, eu analisei este plano aqui de trabalho, que vem neste livro, e eu verifiquei que efetivamente o plano, ele está muito condizente com o planejamento estratégico. Eu revisei o planejamento estratégico e o *business plan* apresentado, ele está basicamente dentro disso.

O que eu noto, veja bem, quer dizer, é um *feeling*, eu não entendo de televisão. Se fosse uma indústria metalúrgica de transformação, que é a minha, eu diria os números exatos, mas eu aqui vejo, na execução orçamentária de 2008 a 2012, a gente nota que o investimento vem caindo, o investimento em 2008 era de 39%, ele vem caindo, está em torno de 11%. Por outro lado, pessoal, que era 31%, subiu hoje a 42%. Custeio, que era 30%, subiu, vem a 47%.

Esses números são bons ou ruins? Eu não saberia te dizer. Agora o que eu acho, presidente, que nós deveríamos ter, é um *benchmarking*. Como é que as outras televisões se comportam com relação a isso? Eu vejo, por exemplo, numa indústria metalúrgica de transformação, como a minha, onde o maquinário de produção não é um maquinário que se renova com a rapidez do sistema eletroeletrônico, que é o caso de vocês, o investimento de 7%, 8% sobre o faturamento é ótimo. Uma indústria siderúrgica, compra um autoforno, ele dura 20, 30 anos, o investimento de 7%, 8% que é ótimo. Agora, a empresa da EBC, eletroeletrônico, uma máquina, tu compra esse microfone, ele não vale mais nada, que já

mudou. Então pergunta-se: esse investimento de 11% vai nos manter *up to date* com o restante da concorrência ou não?

Então isto, esses números, é que eu gostaria que a gente tivesse uma espécie de um *benchmarking* com as outras, emissoras. Uma coisa eu quero salientar ainda, que é o seguinte: me preocupa muito - e dentro da empresa nossa é um dos pontos que mais me preocupam - a produtividade. Saiu até na TV Exame, uns cinco, seis meses atrás, a produtividade hoje no Brasil é cinco vezes menor que a produtividade americana. E é um negócio impressionante. E uma das coisas que mais nos preocupa. E que derrubou a competitividade da indústria de transformação que todo mundo: "não, porque o Brasil tem carga tributária muito alta. É juro, é dólar". Toda essa choradeira que a gente ouve, ninguém mete a mão dentro da ferida, que é a lentidão com que a empresa brasileira se mexe, quer dizer, o cara caminha devagarzinho, parece que tem um saco de 70 quilos nas costas dele. Então o dia que vocês nos visitarem, nós empurramos, o nosso negócio é rapidez, produtividade é um ponto fundamental dentro de uma empresa.

Eu não saberia dizer a produtividade da EBC, se é boa, ruim, média. Eu não sei dizer.

Outro ponto que eu gostaria exatamente de comentar, que não comentei antes, é a respeito das parcerias. Nós fazemos muita parceria no mundo inteiro, talvez a nossa empresa seja hoje a mais internacionalizada no Brasil, mas a parceria tem que ser definida, é uma parceria comercial? Ela é uma parceria técnica, de tecnologia? É uma parceria financeira, de participação acionária ou de aportes financeiros? Ou uma participação administrativa? Uma parceria administrativa? Então isso, viu, presidente, é que nós precisaríamos exatamente definir, que a parceria é a coisa mais saudável que existe numa empresa. Agora, quando você tem uma tecnologia de ponta, super de ponta, tu vai fazer a parceria com pica-pau aí que ele acaba copiando e acaba... Você sai com a experiência e ele vai sair com o dinheiro. Então, esse ponto de parceria, quando é feita com inteligência, é um negócio sensacional. Uma parceria mal feita é um atestado de óbito.

Então, eu vejo isso. Eu queria cumprimentar a EBC, esse plano aqui, parabéns, está muito bem feito. Quem fez esse plano, olhou, que eu sempre examino o plano, quer dizer, como é que é o planejamento estratégico? Vai fazer uma empresa nossa na Austrália. Cadê o planejamento estratégico de vocês e o que vocês estão propondo para esse ano? Se efetivamente o *business plan* está de acordo com todas as normas do planejamento estratégico, a empresa sabe o que ela está fazendo. Agora quando o cara fez um planejamento estratégico de cinco, dez anos na frente, e aí o *business plan* que ele apresenta não tem nada a ver com o planejamento estratégico, os caras não conhecem a empresa. Nós, parabéns. Está dentro do planejamento estratégico. O plano é bem feito. Eu apenas coloco, não em dúvida, eu digo, eu não saberia julgar se

essa participação pessoal, custeio e investimento, ela é o ideal para a EBC ou não. Obrigado, era isso.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada, conselheiro. conselheira Ima, que está inscrita.

SRA. IMA CÉLIA GUIMARÃES VIEIRA: Bom, eu vou falar em nome da Câmara de Infante-Juvenil. Hoje de manhã, nós reunimos, eu e o Takashi, infelizmente o professor Murilo não pode estar presente, e nós discutimos o plano da seguinte forma: primeiro, eu gostaria de dizer que eu vejo o plano, é importante para o Conselho analisar dois pontos de vista. Primeiro, se a programação da EBC está seguindo os critérios ditos na lei, da questão da diversidade, da diversidade étnica, regional, educativa, cidadania, etc.. E, o segundo, para que a gente possa acompanhar como nós devemos a programação dos veículos da EBC.

Então, nesse sentido, eu diria assim que, em primeiro lugar, que foi a parte inicial, até a página 42 de uma prestação de contas de um relatório, foi bastante interessante. Foi muito bom ter lido e visto, observado os avanços e, também, as limitações, os problemas, mas a segunda parte, que é o planejamento propriamente dito, nós entendemos, eu e o Takashi, que falta bastante melhorias para que a gente possa vir a aprová-lo.

Então, nesse sentido, eu vou tecer alguns comentários e dar algumas sugestões.

A primeira é de que há uma... Não há, como em outros anos também já aconteceu isso, aí eu acho que o Conselho tem que efetivamente ter uma normativa de como ele deve, como ele vê ou como ele quer a apresentação de um plano de trabalho, porque, talvez, os próprios diretores fiquem confusos na forma de apresentar. Mas a minha primeira observação é de que não há uma apresentação de um plano na forma de um objetivo geral, de ações específicas, objetivos específicos ou ações específicas, cronogramas próprios e metas específicas. Eu não vi isso, nós não vimos isso. Aí fica difícil de avaliar, nós avaliarmos.

A segunda observação é que eu esperaria que houvesse uma apresentação, achei interessante essa apresentação na forma de programação artística, difusora, etc., mas para nós, do Conselho, facilitaria se fosse com temas que nós vínhamos discutindo nas Câmaras temáticas. Então, para mim, ficou difícil avaliar a parte infante-juvenil na programação, assim como ela foi apresentada. Eu faço parte de duas. Então, eu ainda tenho a de ciência e meio ambiente. O que a gente olha de mais perto, não é? Então eu tive que caçar aqui e acolá o que estava sendo apresentado relativo às Câmaras que eu participo. Então, eu gostaria de sugerir que houvesse então... É... Um esforço no sentido de apresentar. Eu até fiz um exemplozinho assim rápido de, por exemplo, um objetivo que está aqui na programação artística, ampliar espaço para veiculação de programas regionais. Então, de que forma eu vou fazer

isso? As ações. E como eu vou fazer isso também. E as metas, etc.. Então abrir temporadas locais, em pelo menos 'X' emissoras, licenciamento nacional e regional das obras audiovisuais. Eu estou tirando tudo daqui, não estou inventando nada, mas a forma de apresentar facilitaria muito mais se fosse dessa forma, por exemplo, que eu estou propondo, pode ser outra.

A outra é uma certa confusão quando se fala em programação artística. Tem aqui nessa temática, também, esporte e Direitos Humanos. Então ações, não é, relacionadas à programação de esportes e Direitos Humanos. Eu fiquei um pouco confusa, o que estava sendo entendido por programação artística. Então não tem metas, não tem um cronograma, não vi cronograma. Também fica difícil para a gente acompanhar.

Com relação à acessibilidade, legenda oculta, muito interessante. Agora a autodescrição e a página, a questão de acessibilidade na página eletrônica, também não vimos nada.

Que mais? Sobre programas em si, seria muito interessante isso, a gente já havia solicitado que houvesse uma apresentação para a gente da composição do programa em relação à grade total, por origem, se é licenciado, se próprio, etc.. Inclusive na forma de um gráfico. Não vi nada também sobre a questão de exibição e inéditas e reprises. E havia já a sugestão do próprio Conselho para a área de jornalismo, que não foi a nossa, mas isso é adicional à nossa, à nossa avaliação, programa de debates, aumentar, e a escolha de um tema prioritário de jornalismo todo ano. Isso já tinha sido discutido. Um deles foi pobreza, eu não lembro o outro, meio ambiente. Então também não vi se esse ano, se está programando algum tema prioritário para o jornalismo.

Tem alguma coisa mais específica aqui? Para não me alongar muito.

Com relação à Agência Brasil, achei muito interessante a área especializada em ciência e tecnologia, já havia uma proposição do Ildeu de apoiar nessa questão da ciência e tecnologia, que não tem muitos detalhes. Eu, particularmente, gostaria de saber mais detalhes sobre essa área especializada de ciência e tecnologia, que irá dar suporte à Agência Brasil.

Na rádio, concordo com o Takashi, não vi novidade, não vi nada que pudéssemos estar acompanhando com relação à programação da rádio.

Enfim, eu acho que há necessidade, a meu ver, do Takashi, da Câmara infanto-juvenil, de uma reformulação do plano em alguns aspectos, para que esse Conselho possa acompanhar agora em 2013 essas ações. Obrigada.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: conselheiro Guilherme Strozi.

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: Bom, gente, eu vou falar em nome da Câmara de Rádio e, depois, na verdade, eu também queria

tecer algumas análises, mas aí mais próprias minhas mesmo, seguindo esse ordenamento que a conselheira Ana Veloso colocou.

Bom, a gente se reuniu hoje de manhã, o Takashi, o conselheiro Paulo, Mário, eu, com a Secretária Executiva Mariana e a Priscila, e bastante rapidamente a gente também teve a concepção de que o relatório é mais um relatório de prestação de contas de 2012 do que um relatório de atividades para 2013. A gente também sentiu falta de uma... De uma especificidade, vamos pensar assim, um pouco mais aprofundada de planejamentos para o ano. E falo isso em relação à rádio, especificamente, porque a Câmara é de rádio. E aí a gente elenco ou aqui mais ou menos basicamente quatro pontos que foram pontos que a gente discutiu. Também tivemos a presença do Eduardo, do Diretor-Geral para esclarecer alguns desses pontos ali ao vivo na reunião mesmo. Mas, basicamente, foi o seguinte.

Dúvidas em relação à reforma do prédio da Rádio MEC, pelo Rio de Janeiro. Que foi uma dúvida levantada inclusive até por funcionários, que também vai um pouco além da Rádio MEC, muitas dúvidas em relação ao tombamento do prédio da Rádio Nacional no Rio de Janeiro. O Eduardo, na verdade, esclareceu que essas obras já estão em andamento. Os funcionários da Rádio MEC vão ser transferidos para o prédio onde hoje está funcionando a TV Brasil e a Agência Brasil e a Rádio Nacional. E aí a ideia de um planejamento, que eu acho que a diretoria pode discorrer melhor depois, mas a ideia de um tombamento para a reforma desses prédios, e, se não for possível, em relação exclusiva ao prédio da Rádio MEC, no Rio de Janeiro, aí sim fazer com recursos próprios para 2014. Mas, então, a ideia em tese da diretoria seria trabalhar para que os prédios sejam tombados como patrimônio histórico.

E aí a principal das discussões, esse é um tópico.

O outro tópico é com relação à compra dos transmissores, dois de ondas curtas e um de ondas médias. A Câmara de Rádio entende que a Rádio Nacional, as oito emissoras de rádio realmente merecem respeito por parte da EBC, não que ela não tenha tido, mas reforça essa necessidade desse patrimônio histórico e material e universal, sobrenatural, e, na verdade, pedimos explicações para o que está sendo colocado no plano como o adiamento da compra dos transmissores. Esses dois transmissores de ondas curtas e um de ondas médias, no valor total de 30 milhões, com a justificativa de questões financeiras. E pelo modelo da discussão da digitalização do rádio no Brasil. A Câmara de Rádio não entendeu muito bem, na verdade, não é não entendeu, na verdade não concorda que a relação da digitalização do rádio tenha a ver com a compra ou não dos transmissores. As coisas talvez poderiam andar de forma conjunta. Entendendo a necessidade das ondas curtas e do serviço prestado de uma forma de suma importância, mas a diretoria geral de fato deu uma boa explicação; relacionado às questões financeiras também, e há uma estratégia. Na verdade, a ausência da estratégia da

indefinição desse modelo da digitalização de rádio no Brasil. E que, por isso, a EBC, na verdade, está pensando em conjunto com outros órgãos do governo federal, uma estratégia bastante inteligente e econômica, vamos pensar assim, para fazer a compra desses transmissores. A explicação, a Câmara de Rádio entende que foi bastante boa, mas continuamos com essa dúvida, que essa discussão deveria ser melhor colocada em 2013 e melhor detalhada pela empresa das razões que levam a não compra dos transmissores para a expansão desse sinal das ondas curtas da Rádio Nacional da Amazônia e um de ondas médias. A programação da rádio também está ausente nesse relatório do planejamento para 2013. A Câmara de Rádio entende que seria necessário um melhor minucioso(F) da programação da rádio, mas além da programação, dos nomes dos programas, dos porquês deles estarem ali, por que a programação da Rádio Nacional é assim? Vai continuar assim esse ano? Qual a razão desses programas em determinados horários estarem colocados dessa forma? Isso, na verdade, não consta nesse planejamento estratégico, nesse Plano de Trabalho de 2013, e a Câmara entende que seja necessário.

Por fim, a sugestão na verdade, do Conselho Mário que já tinha sido debatido em outras Câmaras, mas a Câmara de Rádio reforça que em relação à transmissão do Campeonato Brasileiro da Série C, que vai ser transmitido pelas emissoras de rádio da EBC, que seja feito, na verdade, uma espécie de um material informativo prévio à transmissão dos jogos que, na verdade, esclareça o porquê de estar transmitindo a Série C dentro da EBC, no seguinte sentido: informações sobre as cidades onde estão acontecendo os jogos, da cultura futebolística, da relação que tem aquele time de futebol com a cidade, enfim, pensar modelos de fazer isso, *hangout* é uma ótima forma, pegar torcedores clássicos de determinados times das cidades, colocar eles para debaterem contando a história do time, enfim, para, na verdade, fazer um aquecimento daquela transmissão de futebol pela Rádio Nacional, mas que coloque aquilo dentro de um contexto sócio político cultural do país. Não se limitando de fato à transmissão do jogo nos 90 minutos. Ir um pouco além para mostrar, na verdade, a necessidade não somente da obtenção da audiência, mas relacionar aquilo como uma cultura brasileira.

Bom, essas, em suma, seriam as colocações da Câmara de Rádio. E eu tenho outras colocações, mas eu acho que a gente termina essa rodada com as Câmaras, primeiro.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Professor Murilo.

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: É, a Câmara de Jornalismo de Esportes se reuniu ontem, estavam presente os conselheiros Mário, Paulo, Guilherme, Ana Luiza, eu e a conselheira Sueli, claro.

Na nossa reunião - e aí nós vamos agora nos alinhar aqui com as demais observações das Câmaras que já se manifestaram -, com relação

à forma do documento, quer dizer, a essa dualidade entre o que é um plano de trabalho, aliás, o que é uma prestação de contas de 2012 e aí o que eu vou chamar por hora de uma sinalização do que está sendo pensado para 2013. Até quantitativamente se tem muito mais prestação de conta no documento do que efetivamente o detalhamento das ações. Então nós percebemos isso também.

Na nossa discussão, e a gente traz isso como sugestão, aliás, eu só quero acrescentar que - imagino que outras Câmaras também talvez façam o mesmo -, essa reunião foi ontem, nós vamos aproveitar esses itens aqui que vão detalhar mais e fazer um encaminhamento formal depois por escrito, não é, à diretoria da nossa reunião, mas, enfim, isso são os pontos que foram discutidos.

Então, pensamos na possibilidade de que entendendo que planejamento é processo, que quando se faz o Plano de Trabalho, é complicado você receber o Plano de Trabalho em janeiro para decidir sobre ele em janeiro, para o Conselho exercer a sua função de aprovação do plano em janeiro, que como o planejamento é processo e supondo que a empresa faça esse planejamento ao longo de um tempo, ao longo do ano, que o Conselho tenha a oportunidade também de participar desse plano, de acompanhar esse processo de planejamento para já ir absorvendo as questões e, eventualmente, dando contribuições, e chegando no documento final nesta época você tem mais condições de uma análise já aprofundada e aí fazer uma aprovação do plano com muito mais tranquilidade.

A conselheira Sueli, eu faço essa observação, ela se prontificou a ir um pouco extra, mas fez parte da discussão da Câmara, de eventualmente se for interesse da Direção Executiva da EBC, conversar sobre o modo como é feito o planejamento da área de comunicação da Câmara dos Deputados; para montar o seu Plano de Trabalho para o... Para o ano seguinte.

Então essas são as considerações de caráter geral da nossa reunião. Eu aproveito, e aí falo mais em nome pessoal, mas, enfim, eu quero reforçar duas coisas que foram colocadas aqui. A primeira, pelo conselheiro Martins. Realmente para você analisar o orçamento, a questão do *benchmarking* é importante. Eu fico o tempo todo pensando, claro que a referência, eu fiquei sabendo: qual é o orçamento do SBT, qual é o orçamento da Record? E aí, assim, e realmente é isso que ele colocou. Claro que você não tem uma outra TV pública, talvez a TV Cultura, mas, enfim, mas é importante pensar nesse *benchmarking* aqui, porque você tem mais clareza. Eu fiquei supondo: o pessoal, o que ocorre? A Acerp, enfim, tem mudanças, contratações, e o mais ou menos está do serviço público está razoável, é mais ou menos isso mesmo que você, enfim, investimento. Precisa gastar mais com equipamento no começo, vai diminuindo. Produção, mas tudo isso a gente vai... A gente pré-supõe.

Então de fato o *benchmarking*, me parece uma sugestão muito interessante.

Como também a sugestão da Ima, da conselheira Ima, do Conselho realmente fazer uma normativa, de definir de que forma a gente quer que esse plano seja apresentado, porque todo ano... Hã?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [01:32:54]: [pronunciamento fora do microfone]

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Não, não, perfeito. Veja, é um aprendizado para nós também. Lembra, quem estava aqui no ano passado... Eu não gosto de pensar, mas quem estava aqui no ano passado, não é?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: É.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Isso, exatamente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone].

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Exato.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [1:33:35]: Essa planilha aqui, nós sugerimos inclusive uma planilha para todos os programas. Uma ficha dos programas para que eles nos dissessem que critérios eram atendidos com relação aos... etc.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Esse é o que você...

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [1:33:40]: É de 2010 para 2011.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Então vamos fazer o seguinte? Vamos tentar assim nas Câmaras rever essa sugestão ou acrescentar ou modificar alguma coisa. Para poder, depois, sugerir à Diretoria-Executiva.

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Então deixa eu baixar a bola um pouquinho mais aqui. O avanço, por exemplo, do ano passado para agora, foi enorme, entende? Eu li com prazer o documento, eu estou tranquilo.

Na reunião é importante ir colocando os pontos que a gente acha que tem que ser modificados, mas, assim, do que foi a reunião o ano passado e este ano, a mudança é muito grande porque o formato está

melhor, está muito mais claro, está muito mais tranquilo. Veio com as informações, inclusive orçamentárias, que nós não tínhamos no ano passado num primeiro momento, entende? Então eu quero nesse ponto parabenizar a diretoria, que deu um documento muito melhor e, portanto, mais fácil de ser criticado, porque é um elogio para vocês, certo? Eu não estou sendo retórico apenas, não é? Mas, assim, é fato mesmo.

Agora dentro do específico, a Câmara de jornalismo, ela centrou numa discussão do telejornalismo. Aqui nós estamos falando de TV Brasil. Até porque a questão da rádio está em outra Câmara, mas o jornalismo estaria aqui, mas isso é um outro desafio para a frente, dada a complexidade maior que é você tentar analisar o jornalismo das rádios. Mas, por hora, centramos na TV Brasil, no telejornalismo da TV Brasil. Então o primeiro ponto, é o retorno ao que vem sendo discutido, que a gente vai tentar detalhar um pouco melhor, que é o... Repórter Brasil, telejornalismo jornal central, o carro-chefe da emissora, um olhar maior ficou ali, depositado sobre ele. Então a percepção nossa ainda é, o telejornal, ele ainda é muito, assim, as palavras que surgiram, didático, faltou... Isso é uma expressão que eu uso, gosto muito de futebol, quer dizer, pegada, quer dizer, ele é muito generoso, ele é tranquilo, ele é didático, enfim, e eu estou lendo para a Nereide, que participou de metade do texto final da reunião, foi ótima a discussão, eu acho que até ela, eu tenho a impressão que ela usou uma expressão da ousadia. Você colocou uma hora assim, que talvez faltasse um pouquinho. Você falou assim, ainda falta um pouco de ousadia. Então essa é a nossa percepção, porque outras vezes já se falou isso, em reuniões com a própria Nereide assim. Qual é o desafio do telejornalismo da TV Brasil? É qualificar o debate político. Esse que é o desafio maior. O restante, as coberturas, que eu acho assim um pouco de cobertura de política pública e tal, está ótimo, está bem. Mas, assim, falta a qualificação do debate político. Então falta um pouco mais de ousadia. Nós, às vezes, entendemos, por isso o documento, que a gente vai tentar fazer algo mais aprofundado, vai tentar traduzir isso em coisas mais concretas, que, se não, fica essa percepção de que nós achamos que. Mas o que significa isso na realidade? O que é ter mais pegada? Então nós vamos tentar fazer esse esforço. Se não, ao longo do tempo, nos próximos meses, com vocês, para pensar assim, até porque, aí eu já entro no segundo ponto, claro que as novas condições técnicas, sinal, etc., e o novo cenário, vai trazer grandes desafios. O cenário era um problema. Por exemplo, a questão que surgiu é pequenininha, mas vai ter o desafio do figurino, não é? Não surgiu por aqui. Mas, evidentemente, que televisão, imagem e tal, então a questão do figurino é fundamental... Tem que arrumar dinheiro, não é, Nereide, tem que arrumar dinheiro para o figurino. [ininteligível 1:37:05] internacional, não é? Não adianta, a gente vem de casa, traz a sua roupinha na hora que vai fazer o debate e tal. Enfim, surgiu a questão do figurino por quê? Porque o novo cenário é um desafio para mostrar algo de novo também do ponto de vista do conteúdo.

Então centrou muito a discussão no telejornal. Com essas percepções, que ainda tem que ser traduzidas, no nosso próprio atendimento, índice. O que significa isso? O que significa qualificar o debate político? É, por exemplo, como a gente discutiu ontem, fazer também um comentarista nacional? Claro que aí quem está com a mão na massa vai ter uma ideia muito melhor do que a gente, apesar de... Ontem nós somos todos jornalistas na Câmara, mas fica todo mundo achando que sabe de tudo, mas, na realidade, quem está com a mão na massa é que sabe o que pode, o que não é possível fazer. A gente está tentando colaborar.

Outro programa que foi muito discutido, especificamente, foi o 3 a 1, porque é o programa de debate político que a TV Brasil tem. Acho que há um consenso entre nós que é um formato legal, um formato interessante, 3 a 1, ou seja, 2 a 1, mas, enfim, é um formato interessante, mas permanece, e aí, gente, não é uma questão pessoal, não é um juízo sobre o profissional, a pessoa assim, mas aí há uma percepção de que o apresentador, ele não, assim, ele não reúne aquelas condições que a gente entende de dar uma dinâmica para um programa como esse. É delicado isso porque o profissional faz o programa, ele é uma pessoa excelente, não é essa a questão. Que o programa, ele tem um lugar importante na grade, ele é um programa de grande importância também para a TV Brasil, mas nós entendemos que há ainda necessidade de repensar isso. Já que o formato não está atrelado ao apresentador. Esse foi o nosso entendimento.

Deixa eu ver mais aqui. Eu acredito que... Ah, discutimos também, há uma certa delicadeza nessa questão. Então, veja bem, não é juízo de pessoas, tá? Mas foi discutido, nós temos que trazer para esse debate, se quando você pensar em contratações de comentaristas, vou pegar o exemplo do Emir Sader, que foi discutido isso, quer dizer, o próprio Nassif, essa discussão já tinha surgido na Câmara. São profissionais da mais alta qualidade, gabarito, só que sempre é a preocupação de você fazer... É aquela história, a gente vive uma espécie de Flá x Flu na política brasileira hoje, não é? De uma polarização entre governo, não governo, etc.. Então fulano defende o governo, não defende o governo. Na hora de pensar em contratar um comentarista ou alguém, levar isso em consideração, de você trazer alguém que tem uma identificação muito grande com essa ou aquela posição. Tanto para um lado, como para o outro. Isso não é um julgamento, pelo contrário, quer dizer, é claro que em outras circunstâncias a presença de um Luiz Nassif ou de um Emir Sader, só qualifica qualquer emissora. O Emir Sader, eu lembro dele na televisão, na Globo News, e ele saiu da Globo News pelas suas qualidades e não pelos seus defeitos. Ele saiu pelas suas qualidades. Então é ótimo que ele esteja conosco hoje. Eu acho que ele qualifica a emissora. Mas só lembrar um pouco que tem essa preocupação, porque aí, é o papel desse Conselho, pensar também a questão da autonomia da empresa. A autonomia, às vezes, pode ser julgada por questões como essa. Mas, de

novo, isso não é uma avaliação sobre pessoas ou competência de profissionais.

Nesse sentido, também, nós discutimos, a gente quer aprofundar isso, é uma relação que sempre é complexa numa empresa como a EBC entre a EBC, a Secom e o NBR. Prioridades, enfim, a questão da alto anima e nós temos ideias, sobre isso é que nós vamos tentar aprofundar ao longo do tempo.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [01:41:04]: [pronunciamento fora do microfone]

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Claro.

SR. PAULO RAMOS DERENGOVSKI: Me permite?

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Claro, conselheiro Paulo, por favor.

SR. PAULO RAMOS DERENGOVSKI: Sobre essa questão dos comentaristas internacionais, você sabe muito bem, que você esteve presente na reunião, que houve divergências.

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Sim.

SR. PAULO RAMOS DERENGOVSKI: E eu gostaria, pessoalmente, de manifestar, que constasse em ata, que eu acho o comentário do Emir Sader... É... Muito persistente, muito completo, com uma linguagem muito clara, com uma dicção muito audível, com uma vasta cultura, autor de vários livros que ele é e, portanto, acho ele uma pessoa extremamente qualificada. E não creio que a presença dele venha a dar um carimbo para toda a empresa para esse lado ou para aquele.

Então, já que você citou esse caso particular, eu tenho essa opinião. Eu gostaria de me manifestá-la. Obrigado.

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Não, perfeito, perfeito. Eu... Sim, conselheiro Mário.

SR. MÁRIO AUGUSTO JAKOBISKIND: Eu me manifesto também dentro dessa linha. Eu acho que no caso o Emir Sader, eu acho que é incorreto se falar de carimbo, não é, até porque, de posição que ele tem, até porque nesse momento lá nos comentários dele, são bastante... Muito bem colocados e de uma forma didática e de uma forma que não toma partidos, que é o caso que você coloca da questão de que ele está carimbado. Não é... Não é correto se colocar isso, se não, nós entraremos, inclusive, numa outra discussão, que leva a várias interpretações, enfim. Enfim, eu acho que não foi muito correta se colocar, muito correto colocar o Emir Sader. Eu acho que deve se colocar também agora um comentarista político para fazer o que você fala, da pegadinha, fazer a coisa mais... Criar polêmicas, não é?

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Perfeito.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [1:43:26]: Só um registro aqui, conselheiro. O conselheiro Murilo, se eu bem estou entendendo, ele está colocando uma questão de princípio, ele não está entrando... Ao contrário, não é, no mérito das escolhas jornalísticas feitas pela casa. Ele está colocando uma questão de princípio e de orientação de princípio, só para ficar o registro, presidente, para a empresa. E eu também queria dizer, eu concordo com o senhor.

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Obrigado, Sra. conselheira. Sim, pensei que tinha deixado claro que eu não estava fazendo juízo de valor sobre a excelência e até de se qualifica o telejornal. É apenas uma questão de um princípio, de autonomia, que nós entendemos que, realmente, assim, outros conselheiros, o conselheiro Felipe, a própria conselheira Ana, enfim na reunião, o conselheiro Guilherme, nós tivemos um consenso quanto ao princípio. Nós não estamos discutindo, julgando de pessoas, certo? Por isso, veja, teria sido mais fácil para o público em geral saber simplesmente, esquecer que essa discussão tinha havido na Câmara. Mas, não. Ela foi discutida na Câmara e eu tinha que trazer para cá, sabendo que lá entre nós na hora gerou essa mesma discussão que está acontecendo aqui agora, que é difícil você separar o que é o princípio da pessoa. Só que o que está sendo discutido é isso, absolutamente só isso.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [1:44:36]: A discussão de princípios. É uma discussão que requer até um aprofundamento num outro momento.

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: É claro, sim.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: Esse é o último ponto, justamente o mais polêmico. As questões pessoais que eu tenho para observar, eu vou deixar aí, como todos os demais, para depois, sobre a programação em geral. Obrigado.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: conselheira Ana Veloso e, depois, o professor Daniel.

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: Na Câmara de Cidadania e Direitos Humanos a gente discutiu o documento que recebemos. Observamos algumas questões que os demais conselheiros já colocaram sobre a qualidade do documento, sobre o ponto de vista do relatório, dos orçamentos que foram explicitados, do detalhamento das ações realizadas e as conquistas. Óbvio que a gente estava acompanhando nas reuniões e também nos informes que a gente recebia os prêmios, diversos deles, inclusive por iniciativas dos profissionais, dos funcionários da empresa também na área de Direitos Humanos, e nós ficamos muito felizes quando nós observamos que boa parte dos prêmios tinha temas de Direitos Humanos em foco.

Então, parabéns para a equipe da EBC, da empresa, por todos esses prêmios e por esse desempenho.

Contudo, nós colocamos algumas questões que é para a reflexão, obviamente, no sentido de colaborar com o documento apresentado. Nós elaboramos 16 tópicos. Se os outros conselheiros e conselheiras tiverem algumas questões ou se for imprecisa a minha relatoria das posições, por favor, se coloquem para a gente poder avançar.

Nós, a primeira questão que nós elencamos é uma pergunta: quais os temas prioritários no campo dos Direitos Humanos para a EBC em 2013? Nós não conseguimos, dentro do documento, observar essas prioridades para 2013. A gente observou as prioridades de 2012, porque estavam muito bem colocadas nas ações exitosas que foram realizadas. Mas para 2013 nós não conseguimos visualizar.

Consideramos que o tema dos Direitos Humanos precisa ter uma apresentação mais detalhada no plano de trabalho, como um dos pilares da comunicação pública. No documento apresentado, observamos a indicação de uma parceria com o instituto Vladimir Herzog para a produção de programas, o que é superimportante. Contudo, estamos tratando de um tema de grande importância que exige articulações com outras entidades, ministérios, Secretarias, para ampliar a presença de tais conteúdos nos veículos. Garantida a autonomia da EBC para coordenar os processos e as produções, parcerias com a Seppir, com a SPM, a Secretaria Especial de Direitos Humanos, poderiam também viabilizar recursos para *pitchings* e apoiar editais para a entrada de novos programas nas emissoras de rádio e na TV. Isso é uma sugestão que nós estamos colocando.

O plano precisa demonstrar estratégias de mobilização de recursos e parcerias com vários ministérios, a exemplo das que já existem com o Minc e com o de Ciência e Tecnologia. O Conselho encaminhou várias sugestões para o incremento do tema dos Direitos Humanos na programação dos veículos da empresa. Todavia, não observamos de modo efetivo, detalhado no documento, para 2013, a repercussão de tais sugestões na grade de programação. A política de acessibilidade não está indicada no documento com suas atividades, metas, prazos de ações que serão implementadas em 2013. O documento não apresenta um cronograma explícito das atividades e estratégias para 2013.

Sugerimos que a empresa construa indicadores para demonstrar a proporcionalidade do tema dos Direitos Humanos na grade. E a gente se coloca para apoiar e colaborar no que for necessário.

As questões de raça não podem emergir de modo pontual nas ações de 2013.

Gostaríamos de obter mais informações acerca do item Escola de Comunicação Pública, como ele será priorizado, com recursos e programas de ações e metas para 2013.

Quais são as metas do projeto de digitalização dos acervos para 2013? Que é um projeto que é fundamental, que vem sendo implementado com muito esforço, não é? Nós sabemos que, inclusive, o acervo das rádios tem essa prioridade, foi falado várias vezes e está sendo feito, mas a gente não viu para 2013 quais são as metas e o cronograma, os prazos e o que vai ser realmente... O que foi conseguido para fazer para 2013 na questão do acervo. Consideramos fundamental essa informação.

Discutimos a necessidade da construção de outras metas para avaliar a audiência. Isso a gente discutiu. Inclusive, apoiamos a realização de estudos sobre o tema, parcerias, com instituições, criação de um setor na EBC para cuidar da área. Contudo, quais as prioridades e o cronograma das atividades previstas para 2013? Não podemos, como há no documento apresentado, nos guiar apenas pelos dados do Ibope.

Consideramos que o item "regionalização" precisa ser melhor dimensionado, com metas e ações que serão empreendidas em 2013 para essa questão da regionalização. Com relação a isso, na cobertura dos eventos esportivos, viu, Guilherme, nós concordamos e discutimos exatamente o que você colocou sobre a questão das coberturas, que podem ser momentos interessantes para poder abordar a questão cultural e tal dos locais. Eu acho que isso é importantíssimo. Justamente para reforçar a parte da regionalização dentro da grade. Eu acho que vai ser muito interessante sendo assim.

E sobre essa questão da programação, houve uma discussão acerca de um programa que está na grade, que se chama "Um Certo Verão", que.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [1:51:50]: "Um Verão Qualquer".

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: "Um Verão Qualquer", pronto. Desculpem. Esse programa, segundo o debate que nós realizamos, ele não se enquadra no perfil de uma produção, que deveria ter espaço na grade da TV Brasil. Essa é a nossa posição. E, por último, essa questão da cobertura dos eventos no momento para as equipes de reportagem mostrar aspectos culturais e sociais das regiões que irão receber os jogos.

São algumas sugestões nossas.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [1:52:25]: conselheira, por que é que o programa...

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: Por favor, conselheiro Takashi, você pode detalhar essa questão do programa?

SR. TAKASHI TOMO: Nós discutimos isso também na Câmara infanto-juvenil, posteriormente a essa discussão que tivemos lá, e nós temos o seguinte encaminhamento: de fazermos uma reunião da Câmara infanto-juvenil aberta ao público para que nós possamos discutir com o

público juvenil sobre essa e outros programas para essa faixa etária. Isso foi o encaminhamento que nós tomamos.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA [1:52:59]: Não, mas...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [1:53:04]: Eu não participei da reunião. Eu queria fazer uma pergunta sobre o programa juvenil. Vocês disseram que não era próprio.

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: Exatamente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [1:53:12]: Mas por que exatamente?

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: É, por quê?

SR. TAKASHI TOMO: Olha, eu peço desculpas pela, em nome da Câmara, acho que a Ana na hora de fazer a relatoria, ela colocou aqui, não pode ver o relato a tempo de suprimir, mas eu vou colocar a minha opinião pessoal, tá?

A TV Brasil e a EBC, ela vem se pautando por uma série de princípios de cunho de construção da cidadania. E existem dois programas, na verdade, tinha três. Uma delas já acabou, então está fora de discussão. Mas existem atualmente dois programas, um é esse aí que foi mencionado, e o outro é Galera do Surf, que em minha opinião particular, e também na opinião de outros conselheiros para quem eu comentei, mostrei alguns trechos, eles concordaram comigo, esses dois programas, eles apresentam a vivência juvenil de uma forma muito... É... Não é construtiva de cidadania, não é? Ele coloca, fica muito tempo discutindo quirelas juvenis, não é, em forma de folhetim, que eu, sinceramente, não acredito que seja o papel de uma emissora pública, paga com dinheiro público, ficar exibindo programas de tão baixo nível. Então, colocando em palavras muito sinceras, muito claras, é isso que acontece. Por quê? Porque, olha, você tem um programa lá, eu não sei exatamente qual é a duração, que seja de 30 minutos, em que você fica o tempo todo vendo jovens discutindo suas angústias, etc., e esses jovens são jovens loiros, de olhos azuis, não é? É um cenário ambientado numa classe *A plus*, e não tem nada a ver com a realidade brasileira. Então essa é a colocação.

Mas, de qualquer forma, eu estou me antecipando, eu coloco isso como uma opinião estritamente pessoal, e exatamente para não cometer injustiças, porque de repente eu posso estar errado, por mais incisiva que seja a minha opinião, eu posso estar enganado, nós gostaríamos de discutir isso com os jovens. Talvez os jovens tenham uma opinião totalmente diferente da minha.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: conselheiro, eu respeito profundamente a sua posição, mas eu só queria informar que é o programa de maior audiência essa parte. Como é que nós vamos tratar essa questão? Não, eu acho assim, a opinião pessoal sua. É legítima, mas-

SR. TAKASHI TOMO: Olha, presidente, se nós colocarmos um programa assim como teor erótico, talvez aumentássemos muito a nossa audiência, e nem por isso devemos ir por essa linha.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Não, eu também acho, mas eu também acho que a gente não deve ir na linha de censurar programas. Eu acho que a gente tem que discutir os programas. Podemos fazer uma reunião da Câmara ou das Câmaras, não precisa ser um pleno do Conselho, para discutir esse tipo de coisa. Realmente eu acho superinteressante, eu acho que é o nosso papel inclusive.

conselheiro, vamos...

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: O conselheiro João Jorge quer se colocar da Câmara? Porque o conselheiro...

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: É o que conselheiro Daniel está inscrito. O senhor cede a palavra? Cede, não. Só troca a ordem das inscrições?

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Seria uma honra falar depois.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: conselheiro João Jorge, por favor. Ele cedeu a vez.

SR. JOÃO JORGE SANTOS RODRIGUES: Obrigado. Bem, o plano geral é muito bom. E o que nós conversamos ontem foi sobre como encontrar medidas para acompanhar isto.

No caso específico do programa que o conselheiro Takashi colocou, realmente é uma profunda contradição. Depois de termos discutido tanto esses princípios e a maior parte da EBC atuar por esses princípios, a gente ter um programa que vai de encontro, vai em oposição totalmente a esse conjunto de princípios que está se discutindo, que está se amarrando ou procurando produzir melhor. E o mais grave: se for apenas para termos audiência, nós podemos passar bons filmes de cowboys matando os americanos.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Não foi isso que eu falei, por favor.

SR. JOÃO JORGE SANTOS RODRIGUES: Eu não estou dizendo que você falou, não. Podemos passar filme de exterminado do futuro, podemos passar programas de violência contra a mulher, uma série de coisas. Para nós da comunidade negra, é cada vez mais difícil, ainda ver no Brasil, programas nacionais ou que não sejam nacionais e que todos os personagens são de um tipo de pessoas. E vindo de um país e que em 2006 se declarou culpado por prática de racismo contra os aborígenes, como foi a Austrália. Pediu desculpa mundialmente. E por que é que nós importamos desse país, ao que já não condiz mais com a modernidade da Austrália? A Austrália pediu uma desculpa pública mundial por ter, durante 50 anos, isolado os aborígenes, tentar desfazer da cultura deles e transformá-los em alienados. É óbvio que ainda tem resquícios disso e é

isso, talvez, que esteja passando hoje na nossa televisão. Então, tem um dado internacional grave e tem também um dado local. Este país, não é só de um tipo de pessoas. Eu também seria contra o se fosse um programa somente de pessoas negras ou fosse somente pessoas de origem tal e tal. É óbvio que cada país pode fazer o que quiser. No nosso caso, a TV pública deve refletir esse espírito público. E o espírito público de programa de jovens não é justamente que só um tipo de pessoas. A própria Globo vem sendo criticada nisso, na Malhação, que não tem, isso e aquilo, que é só uma juventude do Leblon, mas nós temos uma juventude no país inteiro. Ela tem cores diferentes, sexos diferentes, concepções religiosas diferentes e pensamentos diferentes. Que tal então darmos voz e vez a essa juventude desse país que é o nosso maior potencial?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: conselheira... conselheiro Daniel, o senhor vai discutir esse tema específico ou vai falar sobre o plano?

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Não, eu vou falar sobre o plano.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Então eu vou pedir ao senhor um pouquinho de paciência, porque a conselheira Eliane e a conselheira Heloísa querem falar sobre essa questão específica. Pode ser?

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Eu não vejo por que dar preferência a um tema específico, se a discussão está rolando. Eu vou me referir também a esse ponto.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Por favor então. Eu fiz a pergunta antes de passar a palavra.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Bem, eu acho que a primeira questão que eu queria levantar aqui, era em relação, já foi levantada por alguns conselheiros, da dinâmica geral do plano de trabalho. Talvez seja razoável a gente aprovar aqui uma resolução de que a empresa se organize para elaborar o seu plano de trabalho, de 2014, ao longo de 2013, de modo que a gente pudesse, digamos, na reunião de novembro de 2013, examinarmos o Plano de Trabalho para 2014. Com chances de efetivamente influenciar esse plano de trabalho.

Eu acho que, talvez, seja razoável a gente imaginar um cronograma de preparação do plano de trabalho.

Bem, feito isso, eu gostaria em primeiro lugar, em relação ao plano apresentado, na boa tradição acadêmica, diante de um trabalho a gente costuma começar ressaltando os resultados positivos e, como vários conselheiros aqui já observaram, os resultados positivos são muito apreciáveis. Eu, aliás, considero perfeitamente adequado ao fazer um Plano de Trabalho você partir de um balanço do que foi realizado. Tanto(F) mais um Plano de Trabalho é consistente, quanto mais ele se

basear num balanço do que foi realizado. E o balanço do que foi realizado está bem minuciosamente apresentado.

O problema é que ficou faltando o complemento essencial que é a questão de um programa, de um programa de trabalho.

Mas antes de me manifestar sobre esse assunto, eu gostaria de colocar em relevo, não é? Uma série de pontos que me parecem essenciais do que foi realizado.

A questão do grande debate, o termo da estratégia da empresa, não havia isso, não é? A questão da missão, da visão, dos valores, dos objetivos. Isso consumiu uma parte razoável do ano de 2012, e foi um consumo produtivo, eu diria, porque fixou bases para o futuro. Os avanços registrados, técnicos, os equipamentos, os avanços em termos da qualidade da imagem, do alcance, resumidos aí na apresentação do nosso diretor, não é, ampliando consideravelmente o alcance da rádio e da TV públicas, os novos programas, que já começaram em setembro de 2012, o conjunto de programas que efetivamente melhorou com repercussão no índice da audiência. A apresentação dos filmes brasileiros, que é um destaque, a nova programação religiosa, resultado de um longo e emblemático debate travado aqui no Conselho Curador, as grandes coberturas específicas, com destaque para Rio+20 e para o Enem, um importante lugar na produção independente na produção regional, pela qual tanto se bate aqui o conselheiro João Jorge, a estratégia das parcerias, que me parece muito... Muito adequada, muito importante, a construção do portal permitindo a sinergia entre as várias mídias da EBC, a preocupação com os índices de audiência, que era alguma coisa que não era tão explicitamente mencionada em balanços anteriores, inclusive com demonstrativos que a gente pode acompanhar, e que mostram o crescimento da audiência em todos os veículos. Eu gostei muito também da política de publicidade da EBC, tanto nos meios próprios como em outros. No aspecto financeiro, o aumento substancial dos recursos próprios, que contribuem para melhorar as margens de autonomia da própria empresa. A melhoria do quadro de funcionários, não é? Centenas de concursos públicos realizados, a ênfase no diálogo com os funcionários, no seu treinamento, embora não comentado no balanço, também me parece importante destacar a ênfase no diálogo conseguido com o Conselho Curador.

E, finalmente, as premiações, que são uma prova de reconhecimento público do trabalho realizado. Todos esses aspectos positivos estão descritos e acho que eles dariam uma base para fazer um Plano de Trabalho bastante... Tão minucioso quanto o balanço, mas não foi isso que se verificou.

Eu gostaria aqui de lembrar, seguindo uma sugestão da conselheira Ima, eu fui consultar as atas das reuniões de balanço que a gente fez em 2012, não é, relativo ao Plano de Trabalho apresentado então, e o que a gente... Anotações minhas, mas que tentavam sintetizar um consenso. O

que é que aparecia? A necessidade de um Plano de Trabalho conter os programas previstos, com suas justificativas, aqueles que foram retirados também com suas respectivas justificativas, metas e objetivos para cada área, com conteúdos e cifras, e um cronograma claro, de modo que não só o Conselho, mas a própria empresa possa acompanhar o trabalho que ela está desenvolvendo. O que a gente constata, quando se trata do Plano de Trabalho para 2013, é que aparecem muito mais intenções, inclusive essa palavra intenção aparece constantemente. Temos a intenção. Ora, um plano não é uma intenção; um plano é uma previsão. Não é uma camisa de força. Você pode reformular constantemente. Mas até para que você tenha parâmetros para avaliar o seu trabalho, você precisa ter um plano detalhado, com metas, com objetivos e, depois vai verificando, não é, se isso está sendo cumprido ou não. Quando você diz temos a intenção de fazer isso, bem, se isso não for concretizado, bom... Fica por isso mesmo.

Bem, eu queria então levantar alguns pontos que eu acho que deveriam constar num Plano de Trabalho para 2013.

Em primeiro lugar, a questão financeira. Eu acho que deve ser uma prioridade básica alcançar esse dinheiro que está sendo depositado pelas empresas privadas, não é? Que estão aí numa gincana jurídica, é o termo, e eu penso que isso devia ser elevado a uma grande prioridade da empresa, porque às vezes não dá, mas às vezes dá para combater as gincanas com bons advogados. E, inclusive, eu acho que isso merece uma mobilização política, merece uma mobilização política e jurídica. Através da empresa e de suas parceiras. Quem é que sabe no Brasil que essas empresas privadas estão se furtando através de uma gincana jurídica? Porque se a empresa pudesse contar com esse dinheiro, a situação da empresa estava substancialmente melhorada. Então esse é um ponto que me parece que não deve ser um ponto registrado assim como se fosse mais um. É um ponto essencial e que merece uma mobilização política e jurídica extremamente forte, não é? E eu fiquei surpreso de que isso não consta com a relevância, a meu ver, que deveria constar. Eu insisto que a gente não deve se limitar apenas à luta jurídica aí nesse caso, mas, também, à luta política. Evidenciando no limite das nossas forças, com os nossos parceiros, não é, essa situação anômala e absurda. Uma lei aprovada e que as empresas privadas se escafedem do cumprimento dela através de recursos desse tipo.

Bom, também me parece importante do ponto de vista das parcerias. Eu sou um entusiasta das parcerias. Eu lembro que houve aqui uma audiência com os nossos parceiros e a discussão ficou, às vezes, no agridoce. Eu me pergunto: como estão as relações com esses parceiros? Acho que o conselheiro José Antonio Martins lembrou bem, não é? Há parcerias e parcerias. Que balanço nós temos dessas parcerias? Para mim, elas são essenciais. Fizemos uma primeira reunião onde não faltaram críticas. Valerá a pena em 2013 prever uma discussão sobre essas

parcerias? Pública ou não, enfim. Também não estou satisfeito, esse tema ainda não foi levantado aqui, embora tenha sido nas Câmaras ou em alguma Câmara, pelo menos, que são as parcerias internacionais com, sobretudo, na América do Sul. Eu penso que é hora da gente estimular melhor essas parcerias, não só do ponto de vista dos programas, mas trazer as notícias. Eu penso que às vezes há um, certo...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO [2:10:28]: Daniel?

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Há um, certo encolhimento da EBC frente ao patrulhamento ideológico da grande mídia,, que há certos assuntos que não se pode comentar. Ou se se comenta, se comenta assim como gato sobre brasas.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Daniel me permite um aparte nesse sentido?

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Diga.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Eu acho que nós temos um instrumento na mão que pode ser utilizado e não está sendo utilizado, que a gente colocou até no debate, na nossa Câmara. A Telesul oferece, que é a integração latino-americana, oferece um noticiário em português grátis, custo zero, de meia hora, e com informações relevantes sobre a América Latina que nós não temos aí em todos os espaços. Eu não sei. Ontem, por acaso, até eu estava assistindo um.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Gente, eu acho que a gente podia... Ir um de cada vez, porque tem mais pessoas querendo falar.

[falas sobrepostas]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: É importante. Ontem eu estava assistindo a Telesul, eu tive informações que não conseguia em outros canais, sejam públicos ou privados.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Eu acho que essa questão do encolhimento diante da mídia pública, ela se revela muito nos nossos programas jornalísticos. A EBC está sempre encurralada. Ela não pode falar bem do governo, porque ela é governista. Ela não pode falar mal, não é, porque ela tem a questão dos seus laços umbilicais. Então ela fica sempre numa situação, como quem estivesse numa situação de desconforto.

Eu penso que nós, a empresa, deve ter uma perspectiva afirmativa e de trazer um debate, o contraditório. O Conselho tem reiterado essa orientação. Eu me pergunto se ela tem sido implementada. Nós não temos que ser um sócio menor, um competidor menor bem comportado. A gente tem que ter uma... Programas que firam a sensibilidade nacional, programas que levantem temas malditos, que levantem contradições. A empresa tem que ser uma empresa alternativa. Ela tem que ser reconhecida como tal. Quer ver briga, quer ver questões quentes, vai para

a EBC. Ela tem que aparecer no cenário público brasileiro como uma televisão é... Não é que fique aí dando canelada nos maiores para aparecer. Não é isso. É realmente travar discussões sobre drogas, sobre sexo, sobre o comportamento. Agora houve aquela passeata lá na França de milhões de pessoas pelo casamento, não é? Pelo reconhecimento do casamento gay. Então, essa é uma questão quente. Essa é uma questão quente e tem que ter debate, tem que por gente a favor e contra. Eu não sou contra a contratação do Emir Sader, mas eu me pergunto se a empresa não deve ter uma rotação de, além do Sader, que eu acho que ele é um competente comentarista, eu acho que não está aproveitando a posição dele para fazer propaganda rala, não é, mas acho que ali a empresa ganharia, os nossos informativos jornalísticos ganhariam se eles fizessem rotação de comentaristas. Cada um com comentários diferentes. Se não oposto. A gente tem que ter comentarista na EBC metendo pau no governo. A gente tem que ter comentarista defendendo o governo. A gente tem que ter comentarista atacando a mídia, a grande mídia. Por que não? Por que esse respeito reverencial pela grande mídia?

Então eu sinto uma certa timidez, que é natural. É muito fácil eu falar da minha posição para as pessoas que estão ali no batente, que se tomarem alguma posição, vai chover nelas as pedras e não em mim, não é? É mais fácil, como sempre, é mais fácil falar do que fazer. Mas o nosso... A nossa função aqui é falar. É formular nas críticas e no debate a gente vai tentando encontrar... Um caminho mais correto.

Bem... Uma outra questão que eu queria levantar, era a questão do operador da rede nacional de TV pública. Isso foi uma, uma... Um assunto levantado lá na audiência pública de Porto Alegre, a presidente nossa inclusive falou nisso. Era um assunto que aqui foi muito levantado em épocas anteriores, parecia resolvido de um ponto de vista que o Conselho Curador, eu lembro, inclusive, que o Conselho Curador tomou uma posição favorável em questão de princípio, que o operador público... Que o operador da rede nacional tinha que ser uma empresa pública. Aí a coisa pareceu solucionada com a Telebrás. Agora essa solução 'pifou'. Segundo o presidente nos informou, quer dizer, estamos na estaca zero e prestes a cair. Na melhor das hipóteses, numa parceria público privada. Na pior das hipóteses, nas mãos privadas. Isso nos interessa? Quer dizer, eu vejo... Isso é uma outra questão essencial que a gente tem que esclarecer no nosso planejamento. A gente vai deixar rolar ao sabor das ondas? Vamos criar uma intervenção qualquer, mesmo que, às vezes, no plano você prevê uma intervenção que não dá resultados, paciência, mas essa intervenção é regida por referências, por princípios que a gente tem. Como vamos lutar para que essa empresa seja pública? Essa é uma grande pergunta que eu acho que a gente não deve deixar cair, porque eu notei no plano uma certa flutuação.

Finalmente, eu queria me pronunciar sobre a questão do acervo. Talvez por ser historiador. No balanço do acervo, eu senti uma, certa

vaguidão. Aqueles números, inclusive, redondos, não é? Me levaram a crer que a conta não está bem feita. Porque quando há muitos números redondos, eu me lembro que quando eu fiz a minha primeira prestação de dinheiro público, um colega que tinha mais experiência disse: "Olha, nessa tua prestação, esses números redondos não vão convencer, porque números redondos significa que a conta não está bem feita [risos], que é muito raro um número ser redondo". Então a minha primeira preocupação é que todos os números, quanto ao acervo, eram números redondos. Todos, não tinha um quebrado. Não tinha 1.781, não é? Era tudo número redondo. E isso é uma coisa que me angústia, a questão do acervo da rede pública, porque, inclusive, a gente luta aqui há muito tempo para uma política de disponibilização desse acervo para a sociedade. E desse ponto de vista também não há planos. Não há programas, não há organograma.

Eu disse finalmente, mas ainda tenho uma outra, que essa é realmente é final, que é a questão da articulação com a educação. Também é um tema aqui de batalha, é um cavalo de batalha meu inclusive, que sou professor universitário, temos aí um grupo de trabalho planejado, mas que está emparedado aí há meses, não é? Ele não consegue começar a trabalhar. Mas existe um potencial imenso de parcerias com o MEC, com o Ministério da Cultura e com o Ministério da Ciência e Tecnologia.

As universidades são um campo imenso, as universidades públicas são um campo imenso potencial para a EBC, para a TV, para os sistemas de rádio. Que políticas nós temos em relação a isso? Que previsões nós temos para 2013? Que parcerias a gente vai montar? Não vi nada disso. Acho que a articulação com esse mundo imenso, que é o mundo de formadores de opinião pública. Se a gente entra nesse mundo com eficácia, isso tem um efeito multiplicador fantástico. E eu, francamente, não vi uma política traçada para aperfeiçoar a articulação com as universidades públicas, com o MEC, com o Ministério da Ciência e Tecnologia e com o Ministério da Cultura. Talvez seja uma coisa difícil, mas nem por isso, por ser difícil, nós vamos deixar de lidar com isso.

Sobre todos esses aspectos, então, eu penso que a gente podia ter... Avançar mais num planejamento de 2013, nessa perspectiva que a Ima levantou, definindo metas com organograma, de modo que a gente possa, de vez em quando, uma vez por quadrimestre, uma vez por semestre, fazer um balanço de como as coisas estão indo. Se é preciso melhorar aqui e ali, etc.. Muito obrigado pela paciência.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada. conselheira Helena Chagas, por favor.

SRA. HELENA CHAGAS: Eu só queria fazer duas... Dá para tirar isso daqui? Duas sugestões. Eu vou ser rápida.

A primeira é em relação a "Um Verão Qualquer", "Um Certo Verão", eu acho o que conselheiro Takashi e outros conselheiros, eles têm total legitimidade para criticar o programa e, enfim, apontar suas falhas e a baixa qualidade que, no entendimento deles, o programa tem. Agora acho que entre as críticas ao programa, que esse Conselho foi feito para fazer isso mesmo, é para criticar a programação. O Conselho Curador existe para isso. Eu acho que é totalmente legítimo o que está sendo feito aqui. Agora entre a crítica e chegarmos a alguma resolução concreta, sugerindo à Diretoria-Executiva que retire o programa da grade, eu acho que há um caminho aí a ser percorrido, um caminho essencial. Eu acho, então, que o programa é ruim na opinião da maioria? Então eu acho que tem que ser feita um estudo, um debate, uma pesquisa. Vamos ouvir os especialistas, vamos ouvir os jovens, não é? Vamos ouvir entidades relacionadas aos jovens. Vamos promover um debate, vamos ver a audiência. A TV pública não gira em torno de audiência, como foi dito aí, mas a audiência é sim uma ferramenta importante para qualquer televisão, pública ou não, não é? Não no sentido de que é importante para o comercial, para vender, mas é importante para ver se nós estamos sendo ouvidos quando falamos. Então eu acho que também é um componente a ser levado em consideração. Então a minha sugestão é que saia daqui uma proposta para de que se estude esse programa, uma das Câmaras ou um grupo formado especificamente com esse objetivo, e que esse grupo faça um trabalho de consulta, de debate, escute gente séria, especialista, e que apresente uma proposta, porque além de tirar o programa, o que nós vamos botar no lugar? Que tipo de programa para jovem nós, da TV pública, devemos ter? Eu acho que se torna muito mais construtivo do que apenas derrubar o programa. Essa é a primeira sugestão, em relação a isso.

Em relação ao relatório, não vou me alongar, eu só quero dizer que ele parte de uma base assim infinitamente melhor. Eu acho que a maioria dos senhores estava aqui há um ano atrás, e se lembra do que foi no ano passado, não é? Eu acho que nós podemos ver o quanto avançou a TV, o quanto avançou a programação, o quanto se avançou até mesmo na questão técnica, no sinal, na transmissão, que ainda tem que melhorar bastante. Mas, posto isso, eu sugeriria que na próxima reunião, ou entre reuniões para que os conselheiros pudessem receber por internet, a Diretoria-Executiva apresentasse, por exemplo, essa sugestão da Ima, da ficha de cada programa, porque eu acho que, o que é Plano de Trabalho numa empresa de comunicação? OK, ela é uma empresa, ela é uma estatal, mas um Plano de Trabalho numa empresa de comunicação é... Porque temos esse programa, por que temos essa iniciativa por que está o programa, está na grade e vai ficar, por que é que aquele outro está na grade, mas vai sair. Por que, qual a razão de ele ter entrado, qual a razão de ele ter saído. Eu acho que todo mundo sente falta disso. E acho que isso aí, não é, Edu(F), vocês podem fazer isso com facilidade. Seria uma complementação desse plano.

Quero apenas lembrar uma coisa. O que é que é meta em televisão? O que é que é cronograma? O que é meta? A meta é: vamos fazer programa sobre tal tema. Esse programa vai entrar no ar em tal data, essa produção vai contemplar tais e tais e tais assuntos, dirigida a um público tal, tal e tal, para quem eu quero falar, em que horário. Enfim, tudo isso aí é um trabalho muito complexo. Então eu sugiro que não se amarre metas demais. Eu sugiro que não se engesse muito o plano de trabalho, porque em se tratando de televisão, produção, sobretudo a televisão pública, que tem uma série de dificuldades, carências que obedecem a processos de licitação, agora já evoluiu para o *pitching*, que é um... Foi um grande progresso, mas ainda assim é um processo demorado, que demanda uma burocracia. Então, acho que é bom tomar cuidado nessa hora de estabelecer as metas. Agora eu acho que tem que detalhar sim.

Enfim, é isso aí. Acho que a diretoria está de parabéns, tá? Realmente está sim.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada, conselheira. conselheira Heloísa.

SRA. HELOISA MARIA MURGEL STARLING: Eu queria tratar dessa questão do programa e chamar a atenção aqui para duas coisas que eu fiquei desconfortável. A primeira, eu entendo que a audiência é importante, muito importante. Não apenas para que eu possa falar em cena pública, eu preciso que alguém me ouça, mas também eu não acho que a audiência exprime sempre e apenas, como foi sugerido aqui de maneira um pouco apressada, uma programação de baixo nível. Não acho, não é? Inclusive porque o espectador nem sempre é o espectador raso. Então acho que a audiência pode ser conseguida com bons programas, porque nem sempre a gente deve dar de barato que o espectador é de baixo nível raso.

A segunda coisa, eu quero discordar da opinião da Câmara em dois aspectos. Primeiro, eu entendo que não se recomenda eliminar um programa da grade sem uma análise, sem uma argumentação consciente. Não me parece que seja justo, com o trabalho dos responsáveis pelo programa, e com o trabalho da empresa, nós usarmos da nossa... Opinião pessoal. Não é justo com o trabalho das pessoas. Então eu acho que expressar a opinião pessoal é legítimo quando se quer aqui dentro, mas eu acho que recomendar eliminar da grade, necessita, para sermos justos com as pessoas que fazem esse programa e com a empresa, é preciso que a gente tenha uma análise, uma argumentação que seja consciente. E eu penso que para que essa análise seja consistente, é preciso que... Eu acho que seria recomendável a gente precisar, sem excesso ideológico, e exatamente recordando aí o que o Daniel disse, para que a empresa não seja encurralada por excesso ideológico para o outro lado. O Daniel apontou um lado, eu sugiro que a empresa não seja encurralada pelo outro.

Então, talvez fosse prudente, acho que seguir o que que a conselheira Helena sugeriu, que seja montado uma análise, que essa análise seja consistente, que essa análise que se escute os especialistas, que não se desconsidere as possibilidades oferecidas pela audiência. A audiência nem sempre é rasa. E que essa análise contemple o princípio da pluralidade democrática, para que a gente não seja encurralado pelos excessos.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada. Eu ia pedir a palavra, para a gente finalizar esse ponto do programa, mas eu me sinto contemplada pelas manifestações da Heloísa e da Helena, tá? O conselheiro Ildeu pediu a palavra. Por favor.

SR. ILDEU MOREIRA: Bem, eu acho que o Daniel levantou uns pontos centrais. Eu acho que esse ano, certamente, essa avaliação, esse relato misturado, não é, que nós tivemos o relatório e o plano para 2013, eu acho que o balanço de 2012, eu acho que unanimemente ou a grande maioria destacou os avanços muito importantes que a gente teve nesse ano. Então eu acho que... Eu queria particularmente aqui em nome do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, dizer para vocês que eu acho que foi um avanço grande. Nós tivemos coisas que nós conseguimos fazer em conjunto, outras não. Queremos fazer em 2013, 2014, etc.

Então eu acho que foram pontos muito importantes.

E a contribuição das Câmaras também é fundamental, não é? Eu acho que aí vai permitir aprimorar esse plano e essa ideia de que para 2014 a gente faça isso com maior antecipação, eu acho que é uma contribuição muito real que o Conselho pode dar aí para a nossa TV pública. A gente sabe que fazer uma empresa de comunicação pública é extremamente difícil, não é? Ainda mais na nossa tradição, é que nós não temos muita tradição de fazer isso de maneira independente, criticamente, com uma visão política mais ampla, com a burocracia, dentro de uma burocracia monumental, que nós que somos gestores sabemos o que significa fazer as coisas dentro da burocracia brasileira, que, aliás, é um ponto importante para a discussão também dentro dos canais públicos, porque é uma coisa que entrava enormemente a inovação e o avanço brasileiro.

Bem, mas voltando mais para a questão mais específica, eu acho o que conselheiro Martins chamou uma atenção importante também da questão investimento, de avaliar isso. Eu acho que nós devemos avaliar com muito cuidado, porque é uma coisa que tem projeção para os próximos anos, como é que esses recursos públicos, que infelizmente estão crescendo, são importantes, etc., mas como que é a distribuição deles. Então isso faz parte de um planejamento de uma empresa, ainda mais uma empresa pública, não é? Então eu acho que esse ponto tem que ser aprimorado e aprofundado.

No que se refere especificamente mais à outra sugestão do Daniel, da inserção maior e conexão maior com a educação, com a ciência e tecnologia, com a cultura, eu acho que é um ponto muito importante. Eu acho que nós estamos, e certamente a educação e a cultura, e particularmente estamos abertos para discutir especificamente, quando quiser, quando a direção da EBC quiser isso, ou com a Câmara em específico, e quiser discutir conosco, o que é que nós podemos ajudar mais. Então eu acho que esse é papel nosso e o fato de estarmos aqui é exatamente para isso. E especificamente eu gostaria de mencionar os dois projetos que nós estamos discutindo há mais tempo, que até agora não caminharam, mas esperemos que em 2013, com a Nereide, a questão aí da área especializada para a ciência, tecnologia e inovação dentro da Agência Brasil, esperamos que em 2013 a gente faça, e é o nosso interesse, desde o início, estar junto nisso e fazer isso. O *pitching* também de programas, não é, que a gente está programado já há tempos e que a gente não conseguiu fazer, mas achamos que essa área é fundamental.

Nós vamos fazer um encontro de rádio e ciência, já estava conversando com o Guilhon, vai ser o quarto encontro nacional de rádio de ciência, que esse ano vai ser um Manaus. Nós organizamos e organizamos os outros em cooperação sempre aqui com a EBC. Então queremos fazer de novo, ainda mais agora com essa rede de rádio da Amazônia, nós queremos fazer com que o rádio, e o *pitching* também estender para programa de rádio, nós queremos fazer que o tema, esses temas de ciência e tecnologia, inclusive na sua dimensão, as controvérsias que perpassam também a ciência e tecnologia, que são pontos que afetam diretamente as pessoas. Então eu acho que essa conexão aí é importante. No caso da Escola Nacional de Comunicação também, que foi mencionado, a gente se coloca à disposição também, com o CNPq, porque eu acho que é uma questão também que tem a ver com capacitação de gente com bolsa, com estágio, com formação no exterior, não é? Nós temos aí um grande programa, o Ciência sem Fronteiras, que está mandando muita gente para fora para a questão mais diretamente prioridade tecnológica, mas nós... Eu sou físico, e física é uma ciência social e humana, porque ela é feita dentro de uma sociedade e por seres humanos bem [risos].

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Não é só a física então, não é? Gostei.

SR. ILDEU MOREIRA: A gente vai ficando malandro sendo mineiro não é? [risos]. Mas isso, mas eu acho que com certeza a gente pode discutir planos de formação, capacitação, que a gente possa ajudar. Nós temos agências, tem uma tradição no Brasil de formar gente qualificada. Nós temos uma pós-graduação mais ampla, mais eficiente da América Latina, por exemplo, por que é que a gente não pode também fazer com as nossas universidades, e aí é um ponto que você tem uma expertise grande, que é também nos ajudar a fazer pesquisa. Como que várias

dessas questões que nós estamos discutindo aqui, podem ser analisadas com mais profundidade, para que o recurso público, que paga a universidade pública, possa se reverter também na melhoria da comunicação pública.

E o último ponto, que eu queria mencionar, é que na questão dos eventos, esse ano vai ter um Fórum Mundial de Ciências, em novembro, no Rio de Janeiro. Então eu acho que vai ser o Fórum mais importante internacional. Nós vamos ter aqui representantes de centenas de países, das academias de ciência do mundo inteiro, de cientistas, discutindo a grande questão da ciência no mundo de hoje, diante do desenvolvimento sustentável, etc., o Brasil está organizando esse evento, então eu acho que vai ser muito importante, inclusive uma oportunidade para a EBC se colocar no cenário internacional. Quer dizer, a gente podia fazer uma cooperação e toda essa divulgação desse evento ser transmitida para os outros países da América Latina, do mundo inteiro, porque aí é uma oportunidade da gente entrar numa área que é pouco coberta. A mídia em geral acha que ciência e tecnologia é uma coisa difícil, que não sei o que. E foge disso. E a gente sabe que a dificuldade existe em todas as áreas, mas nessa área existem questões candentes, não é? Eu não preciso dizer para vocês da importância disso. Então eu acho que esse Fórum, a gente poderia fazer uma grande programação em cima disso.

E na questão também... O último ponto aqui a mencionar, na questão de acervo de digitalização, de disponibilização de acervo, nós temos todo o interesse de ajudar também. Já fizemos uma parceria grande com a Biblioteca Nacional, que agora está colocando na biblioteca digital, da Biblioteca Nacional, todos os periódicos brasileiros estão sendo digitalizados, desde 1808, colocados à disposição de qualquer um na internet. Então isso é um acervo riquíssimo. A gente já discutiu com a cinemateca brasileira também, em anos anteriores, fazer isso. Não conseguimos fazer por razões mais burocráticas, mas certamente o acervo de rádio, o acervo de televisão, etc., nós somos parceiros tanto do ponto de vista de discutir a maneira que a gente arruma os recursos quanto da parte técnica. Eu acho que essa... Nós, na nossa 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, em 2010, havia toda uma parte importante, colocando a importância do acervo, do patrimônio nacional, do patrimônio científico, educacional, tecnológico, cultural brasileiro, e que é dever nosso, como gestores públicos, preservar esse acervo e colocar à disposição da população. Então nós estamos... Esses são pontos que a gente poderia colaborar concretamente para 2013. Obrigado.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada, Edu. conselheiro João Jorge pediu a palavra. E depois eu vou sugerir que a gente faça uma pausa para o cafezinho, depois a gente continua. Pode ser? Conselheiro, por favor.

SR. JOÃO JORGE SANTOS RODRIGUES: Volto a destacar aqui os aspectos positivos que falamos. Só uma correção. A Câmara não falou

para retirar o programa. A Câmara, no seu Item 15, colocou o seguinte texto: "O programa australiano, "Um Certo Verão", não se enquadra no perfil de uma produção que deveria ter espaço na grade da TV Brasil". Depois, o conselheiro Takashi foi questionado sobre isto. Então ele deu um depoimento dele, eu dei um depoimento meu.

Em momento algum nós estamos pedindo que nada seja feito com caráter ideológico; nós estamos dizendo é que se temos uma série de princípios que estão trabalhando ao longo do tempo aqui, eles deveriam reger as nossas ações como um todo. Evidentemente se o Conselho, se a empresa achar que deve repensar isso, vai pelos seus trâmites normais. Isso é uma sugestão da Câmara Temática de Cidadania e de Direitos Humanos, e que foi depois defendida pelo conselheiro Takashi e ontem eu me incorporei a ele também um pouco, também no sentido de que isso pudesse ser revisto ou avaliado, assim como qualquer outro programa, já que é uma das atribuições que nós temos.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: O presidente Nelson, só para a gente fechar esse assunto.

SR. NELSON BREVE: Eu ia deixar lá para falar, na vez de responder tudo aqui, mas em relação a isso, assim, eu fico feliz em relação a tudo em geral, mas isso, porque são assuntos que a gente já tratou em reuniões de diretoria, nós já tratamos sobre isso, a questão fundamental em relação a isso é, nós já observamos... O que vocês observaram, a gente observou em relação a algumas preocupações que a gente tem, principalmente de quando a gente faz um licenciamento. O licenciamento de um programa australiano, de um programa francês, a diversidade cultural, regional, étnica, etc., racial desses lugares, é menor do que a nossa. Qual é a questão? Nós precisamos firmar uma faixa da juventude. Nós não temos conteúdos nossos. Nós temos um encomendado, que nós queremos isso. Começamos a fazer esses programas para a juventude no *pitching*, com o Ministério da Cultura, em relação a programas voltados para a juventude de classe 'C'. Fizemos alguns. Depois isso não teve uma continuidade. Agora a gente está retomando. Mas se a gente não firmar uma faixa para atrair jovem, não adianta porque depois com programas que eles não estão acostumados a ver no formato que eles estão acostumados a ver, vai ser mais difícil da gente atrair isso aqui.

Aqui a gente quer o seguinte: primeiro, atrair a faixa que a gente quer para esse horário e, depois, colocar o conteúdo preciso do jeito que a gente sabe que a gente tem que colocar com todas as preocupações que os conselheiros da Câmara colocaram aqui.

É só para dizer isso: nós estamos preocupados com isso, e isso apenas é uma questão de estratégia da programação para não deixar essa faixa. Esses programas, eles, por mais que tenham alguns problemas, eles transmitem valores, amizade, solidariedade, responsabilidade. Eles transmitem fidelidade, fala sobre a gravidez, fala sobre vários problemas

que são comuns a todos os jovens, independente da raça e etnia. São comuns a todos. Então eles tratam desses programas. Tem problemas? Tem. Precisava melhorar? Precisa melhorar. Mas criar a faixa, porque essa faixa, o que demonstrou é: qual era a nossa grande dúvida? Colocamos o programa infantil ou colocamos juvenil antes da faixa de reflexão, que é a hora que a gente já começa. Que a gente antecipou a faixa de reflexão para ela carregar para o nosso telejornal e depois vir a faixa artística. Essa mudança toda era isso, a gente sai de uma faixa, entra com a faixa jovem no final da tarde, início da noite, entra na faixa de reflexão, vai para o telejornal e depois vai para a faixa artística. Então é uma estratégia. E esses programas eram baratos por quê? Porque... E feitos por TVs públicas, não foram feitos por TVs comerciais. Feitos por TVs públicas da Austrália e da França, eles, porque já estava dublado em português. Eu não tinha o custo da dublagem, porque já tinham sido feitos para Multishow e para [ininteligível].

Então, portanto, são essas as razões. E dizer que estão plenamente acolhidas aqui as propostas que estão sendo feitas, porque nós temos uma estratégia para enfrentar a situação e os problemas que foram apontados.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Podemos fazer uma pausa então agora para o café?

INTERVALO

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu gostaria de retomar a nossa reunião, passando a palavra para o diretor-presidente, Nelson Breve, para as considerações sobre a manifestação do Conselho.

SR. NELSON BREVE: Bom, primeiro eu queria dizer que, assim, eu fico muito satisfeito por aquilo que foi apontado, porque grande parte do que está aqui são as coisas que a gente aponta para que as áreas sintam a importância daquelas coisas que o Conselho, eu sei que nós devemos ao Conselho. Então, portanto, eu me sinto contemplado nessa manifestação do Conselho.

Eu queria, primeiro, dizer o seguinte: é verdade - e o conselheiro Murilo observou bem isso - se ele não tivesse observado, eu teria...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. NELSON BREVE: Não, não, não. Mas não foi por causa disso, é porque é verdade o que você observou, Murilo, era aquilo que eu ia falar e que, não é, na hora de dizer, que, assim, sempre quando melhora a qualidade da proposta, melhora a qualidade da crítica. Então, eu não sinto nada daquilo que foi dito aqui como... Eu sinto como um elogio, como o próprio Murilo disse, que a gente deveria sentir, porque eu acho sim que a

gente melhorou muito a qualidade do plano de trabalho, embora tenha algumas questões que ainda precisam melhorar muito e nós sabemos disso. Primeiro, eu queria partir da questão da avaliação periódica.

No ano passado nós tentamos fazer isso, Murilo, e o planejamento estratégico é que nos consumiu de uma forma que a gente imaginava que não conseguiu. Para você ter uma ideia, o relatório de gestão do primeiro trimestre, a Silvia está ali, ela sabe disso, porque ela que sentia esse drama mais comigo, até a afinação dele, estar de acordo com aquilo que a gente dizia, porque é muito comum em todas as áreas as pessoas gostam de dizer o que fizeram, mas o resultado daquilo que fizeram, às vezes, o que é que eu fiz? Eu fiz tantos programas. E aí, qual é o resultado disso?

Então, a gente cobrou muito que fosse na ótica do resultado. E muito na ótica dos relatórios de gestão trimestrais em cima daquilo que a gente havia proposto no plano de trabalho.

O primeiro relatório trimestral, do primeiro trimestre do ano, ficou pronto em setembro, certo? O balanço semestral que a gente tinha planejado fazer em julho, nós fizemos em dezembro para os funcionários da empresa, e ainda assim não era o balanço que eu queria. A gente fez, até ficou num formato interesse, um *talk show* para os funcionários, conectados as três praças nossas principais, com diretores lá e cá, e perguntas dos nossos âncoras. Eu acho que você já viu isso antes, não é? Os âncoras perguntando.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Já.

SR. NELSON BREVE: Então, nós fizemos um formato que ficou muito interessante, mas como para a televisão era pouco conteúdo, talvez o balanço semestral que a gente quer fazer esse ano a gente pense mais num formato radiofônico talvez, porque é isso, o que a gente quer muito é usar aquilo que é o nosso produto, aquilo que a gente sabe fazer, que é o audiovisual, é comunicação, não é isso? É comunicar, comunicar as coisas. A gente sabe comunicar em audiovisual, sabe comunicar em rádio, sabe comunicar... É melhor, quanto mais recursos tiver para a comunicação, melhor.

Então, nós chegamos a um formato em relação a isso, de prestação de contas do balanço trimestral. Temos um cronograma que vai ser... A gente está antecipando, Daniel, nós estamos antecipando justamente naquilo que você falou.

O ano passado nós tentamos, não conseguimos. As pessoas sabem o esforço que nós fizemos para chegar a espremer R\$ 60 milhões, quer dizer, cortar R\$ 60 milhões entre novembro e dezembro, que não cabiam no orçamento de coisas urgentes e importantes. Então, aí conseguimos chegar naquilo, esse mês nós revisamos aqueles números para colocar o seguinte: O que é que é que vai entrar em recurso de tesouro e o que vai entrar naquele recurso que depende da captação. E, o que vai entrar naquela reserva de contingência lá, porque se a gente conseguir captar

tudo aquilo que a gente está prevendo, pode ser que a gente tenha mais a reserva de contingência ainda para os investimentos. Para os investimentos, não para o custeio.

Mas, nós estamos trabalhando muito em puxar esse calendário, que, nesse ano, já foi, assim, a gente já estabeleceu. A programação vai ter que demandar 2014 para as áreas de produção em abril, para que as áreas de produção façam a proposta dela em maio. Para que a gente, em junho, a partir de propostas reais e não de propostas de coisas que a gente imagina que pode ser, orçamentos que a gente imagina, a gente ter o real orçamento em junho para a gente propor um orçamento real ao Ministério do Planejamento. A partir daquilo que a gente pretende e consegue fazer com cronograma, metas, etc. Agora isso pode ser que não seja o orçamento aprovado, então em setembro, que vá para o Congresso. E, setembro, a partir do orçamento que vai para o Congresso no final de agosto, a gente redimensiona, se for menos os recursos, a gente redimensiona as prioridades. E, aí já temos condições em outubro de ter um plano para apresentar e ser criticado, ou ser melhorado, ser aperfeiçoado, ter o tempo para que, ao invés do plano começar em março, ele comece em janeiro, que essa é a ideia geral.

Em relação à questão de metas e cronogramas também, eu queria dizer o seguinte: nós fizemos um esforço muito grande para o planejamento estratégico, só que ele foi até um certo ponto, que é a questão da visão, valores e projetos, objetivos estratégicos, mas os projetos corporativos também e tal, e ações que estão previstas lá.

Existe um cronograma lá que é um cronograma que a gente não tem como, porque 10 anos estão espremidos em três, a gente não vai ter orçamento e nem força braçal para fazer tudo em três. O que é que era? Nós estamos trabalhando nesse momento justamente o quê? A construção dos indicadores e estabelecer metas. Agora meta, não adianta eu estabelecer a meta de cima para baixo, hoje nós queremos discutir com cada área, se eu tiver uma meta de audiência para o jornalismo, não adianta eu botar, eu tenho que discutir com o jornalismo o que é uma meta de audiência ou uma meta de programas, uma meta de programas de direitos humanos, uma meta... Todas essas metas eu tenho que fazer essa discussão. E isso é um desdobramento do planejamento estratégico porque as áreas também estão trabalhando os seus mini planejamentos estratégicos. Então, essa empresa em transformação, que a gente apresentou lá, ela não terminou a transformação, ela ainda está. E, é um processo da organização geral da empresa que eu acredito que, assim, eu tinha a expectativa de que ele tivesse no trilho já no início desse ano. Mas, a minha expectativa não foi atendida, mas continuo com a expectativa de que ele vai estar no trilho até o fim desse ano. É preciso que ele esteja no trilho até o fim desse ano para que a gente gaste mais energia com a área operacional do que com a área de gestão, que é isso que a gente está precisando.

E, tem um redesenho da estrutura da empresa que vai permitir isso, separando a área, a operacional da área de gestão, que eu acho que vai ficar mais interessante aí, que a gente ainda não aprovou na diretoria e deve apresentar, se não na próxima, na reunião seguinte do Conselho de Administração.

Mas, então, ou seja, nós estamos preocupados com isso, tem coisas que a gente não conseguiu fazer, efetivamente. Agora o que é que tem aqui e que é importante ressaltar, que a gente conseguiu fazer, e não tinha em plano nenhum?

Quanto é o dinheiro da produção, gente? Para onde está indo cada parte? Qual é a despesa de pessoal? Qual é o pessoal que está efetivamente envolvido na área operacional e não na área-meio? Tudo isso, para mostrar, para nós era muito importante mostrar para vocês porque isso eram coisas que a gente queria saber também e não sabia. É assim, falando abertamente aqui. A gente está construindo informações que não existiam antes e que a gente está, assim, que não são fáceis de conseguir, pelo menos eu tenho tido uma grande dificuldade de coisas que eu achava que poderia conseguir com mais facilidade e a gente está tentando avançar em relação a isso.

O que o conselheiro Martins falou é a primeira coisa, e eu queria mostrar exatamente isso, porque aquilo que foi observado, eu queria mostrar isso. Mas ela tem uma explicação, a questão, cresce o pessoal, diminui o investimento. Então, o investimento no começo foi, nos primeiros anos, R\$ 120 milhões, R\$ 90 milhões, R\$ 100 milhões. Depois, vocês se lembram quando teve aquele corte de R\$ 70 milhões no nosso orçamento, que foi no final da gestão da Tereza. Aquele corte, não foi repostado. E a gente, naquela época, eu não sei se vocês se lembram, o conselheiro Martins inclusive elogiou como administrador, concentramos o corte no investimento e não no custeio, porque era no investimento que você tem mais margem. Se eu concentrasse no custeio, porque era um investimento que você tem mais margem. Se eu concentrasse no custeio, ia ser um... A gente ia ser um caos em termos da administração, que ia ser muito difícil. Aí você solta o investimento, daqui a pouco não tem dinheiro para pagar o fornecedor de área, entendeu? Não tem dinheiro para pagar os serviços, a contratação da manutenção geral da empresa.

Manutenção geral da empresa cresceu muito, por isso cresce o custeio. Por quê? Porque, assim, muitas das coisas que eram feitas por uma Radiobras pequenininha e por uma Acerp no sufoco, passaram a ser feitas por uma EBC, que é aquilo que a gente mostrou lá, o tanto de consignações, o tanto de canal. Não é só uma televisão, são sete geradoras de rádio, porque nós temos nove, mais duas apenas retransmitem, mas tem custo para retransmitir. Então, assim, o complexo todo, ele é grande, precisamos fazer *benchmark*, mas eu pedi também *benchmark* não só aqui, mas internacional, porque aí sim nós... Assim, a minha equipe sabe disso, eu falei assim: Eu quero saber quanto, como é

que é a estrutura de pessoal, a estrutura do orçamento das empresas públicas em outros países. Ah, mas em outros países não dá para comparar. Não, mas eu faço um mix de comparação. Comparo o que é comunicação aqui, o que é empresa pública eficiente aqui, o que é comunicação pública lá fora. E a partir desse mix eu construo o meu, para eu ter o parâmetro e dizer o seguinte: Olha, com esse parâmetro aqui a gente acha que isso está adequado. Hoje eu acho que não está adequado, a gente tem baixíssimo investimento para aquilo que a gente precisa.

Se a gente for, assim, eu não sou *expert* no assunto, mas se eu trazer aqui o nosso gerente-executivo de finanças, o Alexandre, ele vai dizer o seguinte: O ideal para uma empresa, na nossa situação, é 1/3, 1/3, 1/3. É 1/3 de investimento, 1/3 de custeio, 1/3 de pessoal. O que é que aconteceu com o para o nosso pessoal crescer? Estamos absorvendo a Acerp, estamos botando concursados para dentro. Botamos concursados para dentro antes de dispensar as pessoas, porque nós precisamos, primeiro, treinar essas pessoas para depois dispensar as outras. Então, isso tem um peso que foi crescendo, outros serviços que foram acontecendo: TV Internacional, né? Você vai, assim, demandas também daquela discussão que vocês... Está marcada, está agendada para ter do que é a missão nossa, se é a comunicação do Poder Executivo, é a questão da comunicação pública, a contradição que existe em torno disso, que a gente sabe que tem que fazer, também cresce.

E, portanto, assim, tem coisas que aconteceu nessa distorção que foi por conta da queda do nosso corte, que a gente não conseguiu recuperar. Para recuperar nós fomos... Eu estava me sentindo o pior administrador do mundo, que lida com o orçamento público, porque o meu orçamento Tesouro tinha crescido quase nada, para dizer que não caiu um tiquinho assim. Quando eu comparei o resto do governo na proposta orçamentária desse ano em relação à proposta orçamentária do ano passado, eu vi que eu era feliz, que eu era um dos poucos que cresceu. Mesmo às custas da receita própria, que eu acho que agora a gente vai ter condições de fazer. O nosso modelo de captação no ano passado, nós não conseguimos implementar por quê?

Captar para uma empresa de comunicação, quem vai captar, uma empresa privada, qualquer coisa, a pessoa que capta, ela tem um incentivo, que é a comissão. Eu, como empresa pública, não posso dar comissão, então nós estamos redimensionando para tentar a Acerp manter a captação, não a captação desses últimos cinco anos que eles fizeram, que é ridícula, que só captavam aquilo que era dentro da meta, e que o dinheiro ficava na Acerp, aquilo que o dinheiro vinha para o contrato de gestão, não captava. No ano passado, o que nós demos 15% para a Acerp para ela captar, não aumentou um tostão. Ela não conseguiu se estruturar para, com essa comissão que a gente estava dando para eles, eles conseguiram aumentar a receita própria deles.

Bom, o que é que nós chegamos à conclusão? Vamos continuar precisando da Acerp para fazer captação. No mínimo, porque nós não conseguimos fazer, num modelo de atração, de que as pessoas que conseguem os recursos, elas participam, tem a distribuição do resultado obtido com isso, é o incentivo para ter. A gente precisa, nós vamos precisar da Acerp para essa área de captação, e ela vai ser estruturada, o Cícero já tem montado. Nós estamos só negociando com a Acerp como é que vai ser essa formatação para poder alcançar as metas de captação que a gente tem para este ano.

É possível? É. Nós temos promessas aí já de financiamento de vários do setor privado, de patrocinar as nossas coisas apenas com a imagem institucional, sem vender produtos, sem vender nada. Então o que a gente precisa estruturar agora é como é que a gente faz essa organização para ter um incentivo maior ainda.

E temos a área de prestação de serviço, que é uma área, ela melhora a nossa receita, mas ela melhora numa proporção muito pequena em relação à captação. E, eu ainda não consegui do Tribunal de Contas da União, a avaliação, porque a área técnica não me permite, que eu tenha na minha área de prestação de serviços a flexibilidade para eu, conforme eu tenho um serviço, eu contrato pela forma de credenciamento de empresas. Então, eu tenho várias entidades públicas que querem nos contratar, e eu não presto serviço por quê? Porque eu teria que pegar gente do concurso, botar aqui para dentro, se o contrato dura seis meses, um ano, o que eu faço com essas pessoas aqui, que cresce mais ainda a minha folha de pessoal, e vai diminuir ainda mais o meu percentual de investimento, que já está mais baixo do que aquilo que a gente acha que deveria fazer.

Bom, em relação às parcerias, o conselheiro Martins citou várias delas. Quando a gente está falando em parcerias, são parcerias para a produção de conteúdo, porque é isso que é assim aquilo que vai ao ar. Então, basicamente, todas as parcerias - quando a gente fala em parcerias, são as coisas que vão ao ar - então por isso essa política que é uma política em relação às parcerias de conteúdo, coprodução e aquisição, troca de conteúdos e tal.

A conselheira Ima lembrou bem aquela questão daquele que foi... Eu lamento, conselheira que, assim, às vezes a memória da gente não ajuda a gente pegar e orientar melhor as pessoas para fazer, mas parte daquilo que está lá, vocês receberam dois anexo que, na verdade, era para ter sido mandado logo depois, ainda para vocês olharem. Então, a grade das rádios, a grade da televisão e sinopses dos programas estão aqui. A questão do cronograma e metas, eu insisto assim: nós queremos fazer isso, é isso que a gente tem. A gente ainda tem uma macro cronogramas e macro metas que ainda não estão estruturados. E acho, concordando com a ministra Helena, que tem algumas coisas que vai ser difícil para a gente estabelecer o cronograma exato. Eu lembro que da

outra vez eram cronogramas trimestrais. Final do primeiro trimestre, final do semestre, eu acho que talvez isso...

Aí nesse caso de cronograma, eu até me penitencio mais, e até no caso da questão da palavra "intenções", conselheiro Daniel, eu me penitencio mais que eu disse para eles talvez o seguinte: Eu não quero prometer nada que eu não tenho certeza que eu vou conseguir cumprir. Já tem umas coisas que a gente prometeu o ano que vem, vamos colocar algumas coisas que a gente quer fazer, mas eu não quero também ficar dizendo assim: Pô, por que você não fez isso daqui, se você tinha dito que queria fazer lá? Porque tem coisas que dificultam a vida da gente sem... Assim, a obra dá 701 é uma delas, o MAM que está atrasando é outra dessa, que está bem em função de obras disso. O cenário, que era para ter feito a mudança do jornalismo um ano atrás, as coisas, por várias questões, não é só o cenário, o cenário é a última ponta que faltou, mas várias outras questões foram. A questão de segurança energética. E, agora, ainda mais, assim, a gente tem que ter todo o cuidado para ter não só a segurança energética, da rede, para não cair a rede. Às vezes a gente está tendo, estamos recebendo muita gente, é mais computador, mais acúmulo da rede, a gente precisa ter a infraestrutura necessária.

Não adianta eu botar a estrutura em cima e cair, eu tenho que montar a infraestrutura necessária. E, às vezes, por conta das dificuldades que a gente tem, milhares de contratos para serem geridos, renovações todos os anos, o *pitching*, Ana, religioso, a última coisa, já estava na mesa para assinar a RMS, quando eu disse o seguinte: Como é que é o processo de renovação? Ah, é igual o do Nova África. Eu falei: mas o do Nova África a gente não pode renovar, o jurídico não deixou. Nós precisamos botar aqui no *pitching* uma forma para não ter que fazer um *pitching* a cada seis meses, porque o programa prevê 26 episódios. Daqui seis meses eu tenho que fazer outro? A previsão disso é para eu saber se ele me entregou um bom produto. Se ele me entregou um bom produto, eu estou satisfeito, eu tenho que continuar fazendo é com ele, não fazer de novo um outro concurso que vem um outro que não vai me entregar a mesma coisa. E a gente vê, no própria Nova África, com todas as questões, ainda que dois bons produtos, mas com conceitos diferentes. E, nós vamos ter que fazer um terceiro.

Eu acho que a apresentação por temas da questão o que é que é em cada uma das áreas do programa temática, é absolutamente pertinente. Foi uma falha nossa, eu acho que a gente deve reposicionar isso.

Na questão da estrutura, que a gente pensou, concordando completamente com as críticas em relação ao detalhamento maior do balanço em relação a isso a gente queria ter feito o balanço separado do plano de trabalho, eu acho que é mais adequado e tal. Mas a gente não fez, e eu queria que não ficasse apresentando um plano de trabalho e sendo cobrado daquilo que... Olha, isso daqui vocês não fizeram o ano passado, estão botando aqui de novo? Não, a gente tem que explicar pelo

balanço por que é que não fez. Como a gente não fez trimestralmente, prestando aquelas contas que estão sendo colocadas, se tivesse sido feita trimestralmente, estava explicado. Cada trimestre, está tudo bem, fechou o ano e agora vamos discutir um plano para a frente. E é o que eu acho que é o mais adequado.

Agora a estrutura, tirando essa parte, a estrutura é como disse o conselheiro Martins, ela precisa estar linkada com o planejamento estratégico. E o que é que dizia o planejamento estratégico? Primeira questão, criar e difundir conteúdos que contribuam para a formação crítica das pessoas. Então eu tenho duas coisas que é da minha missão, uma é a criação e a outra é a difusão. Então ela procura se estruturar em relação a isso.

No planejamento estratégico, que a discussão do redesenho está levando a isso, que é preciso eu organizar áreas... Porque o que é que acontece? A empresa estava assim, rádio para cá, jornalismo para lá, artístico para cá. Assim, e meio que sem meio se conversar, a internet para lá. A gente está trazendo, convergência é convergência, então tudo que é jornalismo... Porque rádio, tem um rádio jornalismo que é nacional e tem um rádio jornalismo que é local, cada um numa diretoria diferente. Isso não tem o menor sentido, entendeu? Então, rádio jornalismo... Porque senão você não potencializa, e na hora que você precisa dar o comando para fazer a cobertura integrada, falha, por quê? Porque é protocolos que sobem e tal. Então a gente está reestruturando, por isso que o artístico é no não jornalístico. Mas tem uma falha que o esporte deveria estar no jornalístico, isso foi uma falha nossa, certo. Mas, basicamente, é jornalístico e artístico.

Assim, questões que estavam lá meio penduradas, porque é meio tudo, né? O internacional, porque o internacional ainda, assim, ele é uma missão própria e tudo estava no internacional. Isso está sendo pensado também em jogar produção, operação para um lado, institucional para outro, nós estamos reestruturando. O Ottoni, nessa nova reestruturação, ele ia ter um papel. Então com o falecimento dele, isso também foi muito difícil da gente, a gente está tentando organizar. Nós não desistimos da ideia porque não temos a pessoa, nós mantemos a ideia e estamos indo atrás da pessoa, e eu tenho certeza que a gente está bem perto de conseguir a pessoa adequada para assumir essa função.

E, a questão da multimídia, que a multimídia ficou só como jornalismo, porque ainda que tenha outras coisas na multimídia, a gente não está formato, a ponto, o que, além de jornalismo, a multimídia vai ter para artístico que possa ser definido como não jornalístico, certo? Então, dentro daquela estruturação.

E, as perspectivas que a gente coloca é: a perspectiva financeira, para nós, é mais importante. Sem dinheiro não tem nada, não tem produção, não tem criação, não tem radiodifusão. Então ela é balizadora. Depois dela é preciso ter uma estrutura de difusão. Então, portanto, a

estrutura de difusão é fundamental ter. Agora sem a criação, que a criação é o mais importante, mas ela por si só, ela não funciona sem essas duas coisas.

E, a quarta perspectiva é aquela: eu posso ter dinheiro, eu posso ter produto, eu posso ter plataforma de distribuição, mas se eu não divulgar, eu não consigo.

Então, portanto, a gente entende que as informações que a gente precisa trazer para cá, para que vocês avaliem se a gente está fazendo um trabalho bom, mal, regular, etc., é dentro dessas quatro perspectivas, que são, acho, importantes para que vocês tenham a melhor avaliação, o melhor retrato e que possam dar a melhor contribuição que vocês possam dar. E que eu acho que, assim, essa reunião aqui em relação a do ano passado, eu entendo, no ano passado vocês deram um crédito de confiança para a gente. Está chegando agora e tal. Mas, esse ano, a gente deveria ter feito melhor. Nós não conseguimos, mas eu tenho certeza que a partir do primeiro balanço trimestral, a gente cobra, marcamos que... É o seguinte: fechou o trimestre, eu dou um prazo, fechamos um balanço, reunião, final de abril, começo de maio. A gente faz uma reunião para discutir esse primeiro balanço do trimestre. Avançou, não avançou. Por que é que foi, por que é que não foi?

E, temos a do meio do ano, que essa que eu digo o seguinte: a diretoria tem que prestar contas para a empresa, não só para o Conselho, para os seus próprios funcionários. Que é um balanço que a gente pode estender, podemos fazer Conselho mais empresa, podemos fazer em dois tempos, empresa mais Conselho, que é o julho, que a gente acha importante. Eu sei que julho é um mês complicado, mas ele é o mês seguinte do que fecha o semestre.

Então, assim, a gente quer fazer isso por quê? A metade do ano é aonde que é o seguinte: aquilo que andou, andou. Aquilo que não andou, dificilmente vai andar. Então vamos redirecionar. Por quê? Porque depois chega no final, tem aquele negócio: Ah, sobrou dinheiro daqui. Aí tem que devolver o dinheiro? Não, isso daqui está andando bem, vamos potencializar isso aqui. Isso aqui não andou, vamos redimensionar, o que a gente pode fazer? Dá para trocar? Isso é planejamento... É o plano estratégico no modelo que a gente fez, ele é permanentemente reavaliado dessa forma.

Então, não é só o que a gente fez assim, as empresas, grandes empresas do mundo e médias também, a maioria faz desse jeito. Então nós estamos trabalhando nesse sentido, de fazer com que a gente preste contas. O diretor tem que prestar contas do trabalho para a empresa e não só para o Conselho.

Aqui no Conselho são mais os diretores ligados à área de produção, mas eu quero que todos os diretores prestem as contas para a empresa, com o foco no resultado, não no que fez. Mas qual o resultado que tem.

E para isso, a gente tem que construir indicadores, e tem indicadores que são mais complicados. Por isso que estamos estruturando a área de pesquisa, que ela vai tentar encontrar algo que seja melhor do que o Ibope, mas o Ibope é o único que a gente tem hoje. Então o Ibope não é para saber se eu estou melhor ou pior, é para eu me comparar, eu consigo mesmo, e eu com os demais que estão ali, como é que eu estou. E o Ibope ajuda muito é identificar faixa, os chamados estoques de público. Onde é que estão os públicos nessas faixas etárias? Estão em que horário? Estão vendo o quê? O que é que é? A gente entender isso melhor e montar uma estratégia para atrair esse público, com conteúdos que sejam os nossos, aquilo que a gente quer, com os nossos princípios.

A questão da acessibilidade. Eu acho que faltou, mas, assim, a gente até por entender que a gente conseguiu dar o máximo de acessibilidade na questão dos novos portais, dos velhos não, porque a gente está reformulando, mas tudo que a gente está fazendo de novo, é com o maior grau de acessibilidade que a gente tem, é o que a gente acabou não colocando, mas eu acho que valeria a pena a gente fazer menção doravante também a esses avanços, outras coisas o Eduardo falou em relação à acessibilidade.

Esse negócio do programa, em relação às reprises, é importante também. Isso eu já cobrei, da gente, que a gente, que precisa ter esse levantamento, e eu acho que faz sentido a gente levantar esse dado e passar o mais rápido possível ao Conselho.

A questão, sim, foi bem lembrada essa questão. Qual que é o tema prioritário da cobertura? Em outros a gente definiu. Eu até, eu tenho insistido muito, mas é uma coisa que a gente ainda, no Comitê de Programação, as câmaras, a câmara lá, acho que não debruçou exatamente por isso sobre isso, o jornalismo ainda também está reestruturando algumas coisas, mas eu tenho para mim, isso aqui eu vou dizer, gente, isso não é média, tá? Isso é a questão que, assim, as pessoas precisam saber. Eu acredito que nós temos que ligar a imagem da nossa empresa à questão dos direitos humanos, na defesa dos direitos humanos, na questão da Comissão da Verdade, os temas voltados para isso. A gente tem que fazer, até relacionados à ficção, ficção mesmo. Por que é que a gente não pode pautar a área de ficção com programas de alta qualidade, séries de alta qualidade que possam falar, por exemplo, sobre os desaparecidos políticos? Com ficção.

Aquela história que não é contada, que a Comissão da Verdade muitas vezes não consegue ter a certeza, mas pegando tudo aquilo que fez a Comissão da Verdade, é preciso chegar, é possível chegar a algo que eu possa dizer: não, isso aqui é ficção. Ou, como disse o Bernardo Kucinski, no livro que ele escreveu, sobre o pai dele lá e a procura pela irmã, ele disse: "Tudo o que está aí é inventado, mas é tudo verdade".

Porque muitas vezes é isso mesmo, você usa a ficção, porque é a forma de você contar aquilo que, uma parecida verdade que é muito difícil de contar com aquilo que é palpável, que pode ser constatado, não é?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: A ficção é a melhor forma de...

SR. NELSON BREVE: É, é isso aí.

Então, bom, você tem a questão da rádio, por exemplo, eu acho que faltou, eu acho que faltou. E nós discutimos isso. O Eduardo sabe disso, que eu sinto. Na hora que a gente reorganizou o conteúdo, que ficou do jeito que era para ficar, eu falei: Mas cadê o negócio da rádio? Aí nós conversamos, discutimos e a rádio tem uma questão, nós estamos discutindo muito a questão da rádio, principalmente nesse modelo do redesenho da estrutura. Como é que isso vai ficar, então, assim, é uma coisa que a gente ainda está discutindo mais do como vai ficar, e ainda não chegou, a partir do como vai ficar, porque se eu coloco o jornalismo da rádio para o jornalismo, aí o resto do conteúdo da rádio, o não jornalístico, ele automaticamente vai para o não...

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: É por causa dos voos dos conselheiros.

SR. NELSON BREVE: Não, não. Eu vou falar. Mas só rapidamente, que eu acho que esse negócio da rádio é importante.

Então nós estamos reestruturando e por conta da questão do digital, eu sei que ele já explicou na câmara, mas por conta do digital, tem coisas que a gente está refletindo para poder fazer investimentos melhores.

Nesse momento que a gente está com dificuldade de recursos e que a gente ainda não definiu, eu fazer um investimento que ao ser tomada uma determinada decisão, por exemplo, você vai ter o digital na FM, mas o meu problema não é a transmissão, o problema é o receptor. Se o meu receptor, o modelo que eles forem, não contemplarem as ondas curtas para receber, acabou ondas curtas, porque o que vale é o receptor, gente, não é o transmissor. Porque as pessoas, na hora que forem comprar o rádio, elas não vão comprar dois, um para ondas curtas e um para... Elas vão comprar um só. Então a gente precisa saber o modelo, até para a gente contemplar um modelo de investimento que, vamos lá, não tem rádio digital em ondas curtas. Então o que nós vamos fazer? Nós vamos dizer o seguinte: Olha, eu quero esse modelo de ondas curtas. Mas, aí temos que pensar no receptor, ainda que eu tenha que, eu, doar o receptor para o pessoal da comunidade ribeirinha, para os índios da Amazônia, para que as pessoas que não acessam nenhum outro, não tem acesso à comunicação de por nenhuma outra forma, possam ter.

Eu acho que todo o resto que foi falado, eu concordo.

A política... Acessibilidade... Cronogramas, tal, tudo isso.

A Escola de Comunicação Pública, a gente pode conversar mais sobre isso mais adiante, nós estamos trabalhando, o negócio foi e voltou

para a ABC, lá da cooperação lá do Itamaraty, depois chegou aqui: Ah, o jurídico não viu. Mas como é que pode não ter passado pelo jurídico antes de mandar?

Então o jurídico está analisando e logo a gente vai ter filmado isso, e aí a gente distribui o nosso acordo com a Unesco, porque lá tem cronograma, tem metas e etc.

A questão do acervo é importantíssimo para nós. Agora, gente, nós não temos os recursos para fazer. Sabemos que é, e a gente não tem o recurso e estamos cuidando da melhor forma que a gente pode. O BNDES deixou de patrocinar esse tipo de... Começou a fazer lá atrás, depois deixou. Então agora estamos buscando. Eu fico satisfeito que o Ildeu ofereceu aí, e vamos atrás dessa possibilidade para fazer isso o mais rápido possível.

Isso aqui eu já falei, do "Um Verão Qualquer".

Parceiros internacionais, a gente quer e estamos tentando. O Ottoni estava trabalhando muito nisso, mas agora, vamos ter que recomeçar.

E, universidade, só para fechar a questão da atuação da educação, na articulação com a educação, eu devia dizer o seguinte: Érico, você é que deveria falar sobre esse assunto, certo? Mas eu não vou constrangê-lo. Nós estamos desde julho do ano passado estreitando essa questão, porque eu disse ao ministro Mercadante o seguinte: Não dá para ser só TV Escola, nós temos que pensar o seguinte, que nós temos as universidades, nós temos a comunicação básica, tem os centros técnicos, que também estão demandando para o Ministério da Comunicação direto, rádios e televisão. Então a política de comunicação, precisa ter uma política. Nós nos já nos reunimos três vezes com o secretário da Sesu, o Amaro Lins, para a gente encontrar, a Rede Ivis. Eles têm a Rede Ivis, com 22 emissoras de tevê, tem o conteúdo científico da agência, de ciência e tecnologia, eles têm uma agência já, pronta, que de repente a gente pegar e transportar para a nossa.

Então, tem coisas que a gente está costurando, tem um grupo de trabalho formado, porque é um grupo para dar operacionalidade. No MEC teve um problema de troca de comandos e aí lá dentro, assim, as coisas às vezes não acontecem no tempo que a gente precisa. E, o resto tudo, a gente apoia.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Obrigada, Nelson.

O conselheiro Daniel está em pé. Eu gostaria de saber se o senhor quer falar antes dos outros, porque o senhor tem... aí a prioridade é dos senhores. Por favor.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Pois é, exatamente. Guilherme, você pode dar a palavra para eles por conta do voo?

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Eu acho que a gente tem duas hipóteses aqui. Uma primeira hipótese, que não é a melhor, pode ser frustrante, porque eu acho que a gente teve uma discussão muito rica e me preocupa a gente formular uma deliberação aqui muito rapidinha, já vários conselheiros se retiraram, é um ponto tão importante. E, por outro lado, não precisa de nada, pode ser muito frustrante deixar para o próximo mês ou para a gente encaminhar sugestões através de e-mails, para amadurecer uma posição, de modo que ela possa surgir no início da próxima reunião, para que seja votada.

Eu acho que essa é uma hipótese que pode ser meio frustrante, mas talvez seja a mais realista.

Se os conselheiros, se a maioria dos conselheiros resolver que não, que vale a pena fazer qualquer tipo de proposta, porque seria muito frustrante encerrar a reunião sem proposta nenhuma, eu proporia, mas eu gosto mais da primeira hipótese, eu proporia que a gente aprovasse, parabenizando o balanço que foi realizado, e aprovasse também a proposta de que a diretoria preparasse uma reformulação dos planos...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: O detalhamento.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Do plano de trabalho, fixando metas, as metas que vocês considerassem possíveis, mas porque a gente tivesse uma referência para fazer o balanço, porque um balanço sem metas e sem balizas, ele acaba sendo muito empirista, e acaba também recolhendo apenas os pontos positivos e não os negativos, porque, como você não fixa... Eu concordo inteiramente com a ministra Helena Chagas, que planejamento não pode ser à camisa de força, mas entendido o planejamento como balizas, como referências, que vão guiar o teu trabalho, em relação aos quais você vai estar, de três em três ou de quatro em quatro meses, talvez seja mais realista até marcar de quatro em quatro meses, você fazer de acordo com aquelas referências, alcançamos, não alcançamos, por quê? Às vezes você corta, essa referência é utópica demais. Vai ser procurada daqui a três anos, não é? Mas o que nós, a gente tem que superar esse tempo de declarar intenções. Caminhar, mesmo que seja de uma forma rudimentar, no sentido de fixar algumas referências, algumas previsões, balizas, e, depois, ir dando balanço de quatro em quatro meses.

Então, essa seria uma segunda hipótese, a gente aprovar uma proposta como essa, da diretoria trazer na próxima reunião um conjunto de referências que nos desse, mais segurança para montar balanços sucessivos.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Então o senhor propõe, veja se eu entendo.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: A primeira hipótese é não aprovar nada, considerando o esvaziamento relativo da reunião.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu entendi.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: E pedir para os conselheiros encaminhassem sugestões para que a gente amadurecesse através de uma comissão, moradora aqui em Brasília, de uma proposta que fosse submetida no início da reunião. Para que ela pudesse ser aprovada com maior representatividade.

A segunda hipótese, se essa primeira for considerada muito frustrante, é a gente aprovar uma proposta como essa que eu defendi, que me parece atender à média aqui das ponderações.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Seria a aprovação com ressalvas, vamos dizer assim, com essas ressalvas?

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: A aprovação do balanço e uma solicitação à direção que apresentasse.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Um anexo de detalhamento de ações e metas.

SR. DANIEL AARÃO REIS FILHO: Isso, isso.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Conselheiro Guilherme.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Um aparte só, antes, Daniel. Nós não temos mais quórum para tomar essas decisões.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Temos, sim. Já tive esse cuidado. Temos, sim. Temos.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Quantas pessoas têm aqui votando?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Nove.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Com o secretário.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Nove.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: É, em segundo lugar, é de bom senso a tua proposta, quero dizer. Então nós temos que aguardar. Eu opto por essa prorrogação da discussão para mais tarde, mas com uma pré-aprovação do exaustivo trabalho que eles fizeram aqui, não é?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: OK. Conselheiro Guilherme.

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: Rapidamente então, na verdade, só para corroborar com essa proposta do conselheiro Daniel, na verdade, essa concepção de um anexo descritivo dessas ações. Eu acho interessante. E aí eu queria pontuar, na verdade, levantar esse dado.

A gente falou bastante em orçamento, mas o nosso orçamento direto do Tesouro diminuiu, era R\$ 411 milhões, agora é R\$ 401 milhões. Então para a gente cumprir essa meta, como foi colocado na exposição, nós precisamos captar R\$ 106 milhões. Então, assim, para a gente de fato ter um orçamento maior do que tivemos no ano passado, a EBC vai ter que lutar para conseguir de fato captar esses recursos.

Então, eu acho de suma importância que seja descrito melhor nesse plano de trabalho quais são as formas de captação desses recursos. Eu acho que ela não está clara aqui no nosso plano de trabalho. Fala-se em parceria com algumas empresas privadas, TAM, Bradesco, TIM, Unilever, mas não está descrito de que maneira que essas parcerias serão feitas. Por isso eu disse a atenção em relação à política de parcerias.

SR. NELSON BREVE: Perdão, a palavra parceria está inadequada aí. A palavra é o seguinte, é patrocínio.

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: Está parceria.

SR. NELSON BREVE: É patrocínio.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: E outra coisa, afastada evidentemente a alegação de que o Conselho não deve conhecer o orçamento. Nós já chegamos nesse ponto, ultrapassamos essa questão já.

SR. NELSON BREVE: Sim, tanto que está absolutamente detalhado.

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: É, de forma alguma apresentando um ruído em relação a essa transparência.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Exatamente.

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: Eu acho isso fantástico. Mas eu acho que o termo parceria, inclusive eu acho que está aqui no plano.

SR. NELSON BREVE: Se ele está aí, desculpe, está inadequado. Na verdade é o seguinte: é patrocínio, não é parceria.

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: Tá, eu acho melhor então. São potenciais parceiros para 2013. Então, assim.

SR. NELSON BREVE: É, isso eu acho que é inadequado no sentido que eles estão patrocinando, mas não são parceiros.

SR. GUILHERME GONÇALVES STROZI: Perfeito, eu acho que essa descrição de como a EBC vai captar recursos junto à iniciativa privada, acho extremamente importante para agente conseguir conciliar essa captação de recursos, associada de fato a uma ideia de independência financeira em relação ao governo federal, com a sintonia das nossas premissas e os nossos objetivos de linha editorial. Eu acho isso extremamente importante.

E, aí também queria chamar, na verdade, a atenção para o Conselho de Administração. Os funcionários tem direito a uma vaga no Conselho de Administração, então eu queria só saber, na verdade, como é que está essa situação para a realização dessa eleição dos funcionários para o Conselho de Administração.

Finalizando, a ideia de acompanhamento do plano de trabalho por parte do Conselho ao longo do ano, acho, claro, ela é fundamental, mas a meu entender ela é mais fundamental ainda para que a sociedade e os funcionários também possam participar dessa construção. Nós temos 15 representantes da sociedade civil aqui no Conselho. Então é uma maneira, sim, da sociedade brasileira acompanhar o planejamento da EBC por meio dessas reuniões trimestrais, porque cada conselheiro representante da sociedade civil e o dos funcionários, podemos entrar em contato com as respectivas, vamos, enfim, com os respectivos grupos de pessoas da sociedade para colher informações. E, de certa forma, repassar essas informações que estão sendo feitas aqui na EBC. De certa forma é garantir que a sociedade também participe desse planejamento.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: A Conselheira Ima pediu a palavra, mas eu vou solicitar... Sabe por quê? Porque a Conselheira Maria da Penha tem o voto em seguida, então eu vou colher o voto dela e da Conselheira Ana.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Oi?

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Ah, dá tempo? Então, ótimo.

Conselheira Ima então.

SRA. IMA CÉLIA GUIMARÃES VIEIRA: Só no sentido de que nós fôssemos em cima da segunda proposta do conselheiro Daniel, de forma que a gente pudesse então, como Conselho, dar um encaminhamento de um modelo mesmo, pegar esse documento que foi encaminhado em 2011, as propostas que saíram daqui, como um modelo de plano de trabalho que nós precisamos para fazer o acompanhamento que nós temos que fazer.

Então, eu me sinto contemplada nessa proposta de aprovar esse primeiro momento do plano, essa primeira parte do plano, que eu achei que realmente foi um avanço. Estou aqui desde o início do Conselho e, realmente, esse tipo de informação que tem aqui não tinha, muitas delas, não tinham antes, nós não tínhamos acesso.

Agora a segunda parte realmente, essa segunda parte do plano, que é o planejamento em si, eu acho que fica a diretoria nos devendo um

detalhamento mesmo. Mas, eu espero que seja a última vez que nós aprovemos dessa prova, porque na medida em que nós temos um modelo e estabelecemos um modelo, queremos que esse modelo seja cumprido.

Eu pensei que a partir de 2011 fosse assim, porque o que nós apresentamos foi muito detalhado para a diretoria, muito detalhado mesmo, inclusive com modelo de ficha, que eu acho que aí essa grade, ela com um pouco mais, só um pouquinho mais de... Gostei do formato, mas um pouco mais de informação, ela cumpre o que tem aqui, o que a gente requer nessa ficha. Um pouco mais apenas. Mas aqui ficou bem legal, mas está faltando.

SR. NELSON BREVE: Aí falta, por exemplo, aquele que eu falei: Perfil da audiência, a audiência em si de cada programa. Isso eu cobrei das determinadas áreas, é que a área de pesquisa, como não está estruturada ainda, ela não tinha condições de mandar imediatamente para a gente. Mas, Conselheira, eu estou de acordo exatamente. Eu posso até me comprometer aqui e agora, assim, não vai acontecer isso novamente.

SRA. IMA CÉLIA GUIMARÃES VIEIRA: Esperamos, porque para mim é frustrante, sinceramente.

SR. NELSON BREVE: E eu lamento.

SRA. IMA CÉLIA GUIMARÃES VIEIRA: E eu acompanho desde o início, ainda não vi nenhum ano uma aprovação assim.

SR. NELSON BREVE: É, eu sei disso, mas eu queria dizer o seguinte: assim, no ano passado a gente fez o plano, ele não continha todas aquelas especificações que estavam previstas lá. Foi uma falha nossa, mas aí a gente... Aí passou e é aquela coisa que é sempre importante o Conselho delimitar, porque se não acaba acontecendo de novo e, então, fica aqui valendo o seguinte: não vai acontecer de novo e está todos os diretores estão aqui, sabem disso, e sabem o meu compromisso, que eu já tinha, de que esse ano o calendário de 2014, eu já disse, o calendário de 2014 começou dia 1º desse ano, e o calendário de 2014 já está estabelecido. É aquilo que eu disse aqui. Então nós vamos cumprir esse calendário para conseguir fazer isso, o balanço dentro do prazo do ano anterior, a entrega da proposta para 2012, que pode ser ainda uma minuta, em outubro ou novembro, e para poder aprovar com todo o louvor necessário aí, no prazo, sem acontecer isso novamente.

SRA. IMA CÉLIA GUIMARÃES VIEIRA: Uma pergunta para o conselheiro Daniel: Nós teremos uma reunião extraordinária para avaliação do detalhamento ou a gente faria isso por e-mail? Mandaríamos um modelo logo? Isso não ficou muito claro.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Eu gostaria que a gente estabelecesse um prazo de 15 dias e, aí, a gente aprova na próxima reunião, porque fica complicado fazer uma intermediária agora.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Ah, eu esqueci do Carnaval.

SR. NELSON BREVE: Se quiserem manter a anterior e a gente procurar adequar, formatar dentro daquilo que a gente já tem.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Tudo bem.

Tá bom. E aí a gente avalia, avalia e se posiciona na próxima reunião.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Quando é a próxima reunião?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Dia 27, é isso? Dia 27. É, Mariana? Dia 27. Conselheiro Mário Augusto.

SR. MÁRIO AUGUSTO JAKOBSKIND: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: OK.

SR. MÁRIO AUGUSTO JAKOBSKIND: Aprovar essa segunda proposta.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Conselheira Ana Veloso.

SRA. ANA MARIA DA CONCEIÇÃO VELOSO: Eu vou acompanhar a proposta dos conselheiros.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Conselheira Maria da Penha.

SRA. MARIA DA PENHA MAIA FERNANDES: Eu também.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Conselheiro Murilo.

SR. MURILO CÉSAR OLIVEIRA RAMOS: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Esta presidente também acompanha a posição dos demais conselheiros.

SR. NELSON BREVE: Posso responder a um questionamento do conselheiro Strozi? Ficou uma pergunta.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Pode, claro.

SR. NELSON BREVE: Em relação à participação dos representantes dos funcionários nos Conselhos, não é um problema nosso, nós já fizemos tudo que tínhamos a fazer. Todas as propostas... É um Decreto

Presidencial, que precisa sair, não é só da EBC, são de várias empresas, e ele está em análise na Casa Civil.

Então enquanto... A nossa parte já está feita. Enquanto não sair o decreto, a gente não... Alterando o nosso estatuto, e não é só o nosso, tem que alterar o nosso e de outras empresas estatais. Então, enquanto não sai esse decreto, a gente não pode avançar.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: Presidente, só um.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Só um minutinho.

Eu queria só agradecer a Regina, que abriu mão da exposição dela pelo adiantado da hora, e eu me comprometi com ela que na próxima reunião ela vai ser a primeira a falar. Coitada. Obrigada.

E eu sei que ela está de férias, inclusive, e ficou até esse horário aqui. Obrigada, Regina, e desculpa aí.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: Presidente...

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Pois não.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: A próxima reunião que a gente vai ter, dia 28 de fevereiro, não é?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Vinte e sete.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: Vinte e sete. E da pauta vai ser a prioridade novamente a gente observar esses pontos do plano de trabalho, não é isso?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: A ideia é de que a gente faça a avaliação prévia, não é, dez dias antes, alguma coisa assim, e chegue aqui já com as coisas mais analisadas e resolvidas.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: Ok. Por que...

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Para que a gente possa aprovar, não é?

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: É.

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Essa é a ideia.

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: Ok.

SR. NELSON BREVE: Posso considerar então aquele formulário anterior como os quesitos necessários para a gente preparar isso?

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Pode.

A conselheira Ima me faz sinal ali, me questiona sobre a questão das vagas, das duas vagas de conselheiros. Eu estive, conversei com a ministra Helena hoje sobre isso, na segunda-feira eu vou estar com ela no Palácio para a gente fechar essa história, tá?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Bastante tempo. Hoje de manhã eu conversei com ela e... Deu a hora?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SRA. PRESIDENTE ANA LUIZA FLECK SAIBRO: Então, segunda-feira, a gente vai tratar sobre isso.

Ela já foi embora? Ela já foi. A Maria da Penha, que está de aniversário depois de amanhã, eu queria fazer... Bom, fica para a próxima.

Gente, muito obrigada, conselheiros, diretores, o Nelson, o Eduardo. Muito obrigada a todos e até a próxima.